JOEL RIBEIRO BRINCO

Igreja Presbiteriana de Vila Velha

50 ANOS DE HISTÓRIA



Aqui está a história da Igreja Presbiteriana de Vila Velha, desde a Congregação, até o seu cinqüentenário.

Conhecer um pouco de sua história ajudará a amá-la com mais intensidade.

Muitos, ao lerem este livro, recordarão fatos importantes dos quais participaram e, outros, pela primeira vez, deles tomarão conhecimento.

Joel Ribeiro Brinco

JOEL RIBEIRO BRINCO

Igreja Presbiteriana de Vila Velha

50 ANOS DE HISTÓRIA

AGRADEÇO

A DEUS, pela vida e pela salvação que, de graça, me oferece em Cristo Jesus; pelas oportunidades que me tem concedido de ter sido útil à Igreja Presbiteriana de Vila Velha, igreja à qual nutro um carinho todo especial e que freqüento, ininterruptamente, desde outubro de 1948, quando ainda era Congregação da Igreja Presbiteriana de Vitória.

À IGREJA PRESBITERIANA DE VILA VELHA, pois nela aprendi sobre Jesus Cristo e a salvação por ele oferecida. Nela fiz minha profissão de fé em 19 de janeiro de 1954; nela fui criado e nela me casei em 26 de novembro de 1966.

Nela minha esposa se converteu, foi batizada e fez sua pública profissão de fé.

Nela minhas filhas, Cláudia, Gisele e Eny foram batizadas, cresceram e fizeram profissão de fé,

Nela minhas netas Thaíssa, Rafaela, Isabela e Daniela foram batizadas.

Nela tenho crescido espiritualmente e ajudado outros a crescer.

Nela minha avó Emília Vieira Ribeiro e meus pais Annibal e Eny foram velados, por toda a Igreja que, em peso, compareceu para dar-lhes o último "adeus".

Ela é a "minha igreja" e nela quero ficar até o fim dos meus dias.

Amém e Amém

Joel

RAZÕES DESTE LIVRO

Há muito tempo vinha pensando na necessidade de escrever a história da minha amada Igreja Presbiteriana de Vila Velha e, como não sou escritor, vinha sempre postergando o início deste ato.

O tempo foi passando e senti que já não podia mais esperar pois, na Igreja, daqueles membros que participaram de sua organização em 19 de janeiro de 1954, muitos já faleceram, outros, mudaram-se para outras igrejas e, uns poucos, não freqüentam igreja alguma.

Daqueles organizadores, continuam arrolados no rol de membros comungantes:

Ruy Carlos de Matos, Astrogilda de Carvalho Nascimento, Hehemias de Oliveira Nascimento, Noemia Moreira Costa e, eu, Joel Ribeiro Brinco.

Considero-me um privilegiado por pertencer a esta Igreja e por ter lutado em seu favor desde antes de sua organização e até este instante, em que ela está prestes a comemorar seu cinqüentenário.

Sempre senti um carinho todo especial por todos que participaram de sua organização: a família Gueiros, a família Matos, a família Nascimento, a família Batista e, ainda, pela Sra Luiza Monteiro e Antonio Furtado.

Após a organização da Igreja, outras famílias que por ela passaram, deixaram saudades: a família Marinho, a família Médice, a família Albuquerque, a Sra Darci Delunardo dos Santos, a Sra Rosa Peniche, o Sr Emiliano Cardoso, o Sr Luiz Gonzaga de Almeida, a Sra

Nelly Rabelo Gueiros, a Sra Marly Espíndula Simões, o Sr Otávio Schneider, e muitos outros.

Poucos dos atuais membros da Igreja conhecem sua história e com este livro pretendo registrar fatos relevantes ocorridos neste meio século e que, dentro de alguns anos já estariam esquecidos e sem possibilidade de serem rememorados por falta de registro.

Desejo registrar minha admiração pelos presbíteros Wilson Barbosa dos Santos, Ovídio Beiriz de Matos, Manoel Gomes Pereira, Leôncio Antonio Medeiros, Amadeu Oliveira Nascimento e pelo Pastor, Rev Sebastião Bitencourt dos Passos, que muito trabalharam, juntos ao meu pai, Annibal Brinco Filho, em prol do crescimento da Igreja e pela divulgação do evangelho em "minha" cidade de Vila Velha. Destes, apenas o presbítero Wilson continua fazendo parte da "igreja visível". Os demais já partiram.

Também não poderia deixar de registrar meu apreço pelo Rev Renato Ribeiro dos Santos, responsável pela Congregação que viria a se tornar a Igreja que hoje conhecemos.

Falar sobre os atuais membros da Igreja seria um risco pois, por certo, esqueceria o nome de muitos, o que seria uma lástima. Mas, eles fazem parte do presente, e, este livro, visa recordar o passado.

Por certo alguém, no futuro, continuará a escrever a história da Igreja, a partir deste instante, tendo oportunidade de relatar fatos vivenciados por aqueles que hoje fazem parte desta comunidade.

Ao Rev Lima, meu muito obrigado pelo apoio moral que me tem concedido, desde que soube de minha intenção em bancar o "escritor".

Ao Rev Deivson, idem.

À Lea Aguiar dos Santos, filha do presbítero Wilson, muito obrigado pelo incentivo e pelas valiosas informações que me proporcionou.

À minha esposa Heloísa Helena, obrigado por servir de revisora deste livro e incentivadora em todos os momentos.

Ao meu genro, Marco Polo Frizera Filho e minha filha Eny, meu agradecimento na ajuda da edição do livro.

Aos membros da Igreja,

Meu abraço fraternal.

Joel Ribeiro Brinco

SUMÁRIO

1 - A Congregação 13
2 - 1948 16
3 - Organização da Igreja 20
4 - A Igreja de "Seu Abílio" 25
5 - 28 de novembro de 1965 28
6 - O Cisma 30
7 - Após o Cisma 47
8 - Resíduos do Cisma 50
9 - Congregação de Cruz do Campo 52
10 - Congregação de Ataíde 53
11 - Congregação da Glória 55
12 - Congregação do Ibes 57
13 - Congreagção de Barra do Jucu 58
14 - Igreja Presbiteriana Unida 60
15 - Após Breder 68
16 - Notícias esparsas 70
17 - Outras Congregações 75
- Itaparica 75
- Ulisses Guimarães 75
- Itapoã 76
- Jaburuna 76
- Memorial 76
- Praia da Costa 77
- Coqueiral de Itaparica 77
- Marechal Floriano 77
18 - Música na Igreja 79
19 - Pastores da Igreja 80
20 - Encerramento 82

A CONGREGAÇÃO

Não sei quando foi iniciado o trabalho presbiteriano em Vila Velha, mas sei que a iniciativa foi da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória, cujo templo, naquela época, ficava na Rua Sete de Setembro. O trabalho em Vila Velha teve início no final da década de trinta, início da década de quarenta, no século passado, quando nosso Estado era governado por João Punaro Bley, então Interventor Federal no Espírito Santo, sendo Getúlio Vargas o Presidente do País.

Vila Velha tornou-se Município em 1896, com sua sede na categoria de Cidade. O Município foi extinto em 1931, sendo restabelecido em 1938. Novamente extinto em 1943, foi restabelecido com o nome de Município do Espírito Santo em 1947, passando a chamar-se novamente Município de Vila Velha em 1959.

Para se deslocar de Vitória para Vila Velha era necessário atravessar a baía de Vitória, utilizando botes ou uma das lanchas, "Elizabeth" ou "Santa Cecília", viajando em direção a Paul, no continente, e ali embarcar no bonde, que levava, em média, trinta minutos para fazer o trajeto Paul x Vila Velha.

As barcas e os bondes pertenciam à "Companhia Central Brasileira de Força Elétrica – CCBFE e já não operam há algumas décadas, inclusive a CCBFE também já não existe, tendo sido sucedida pela Espírito Santo Centrais Elétricas S/A – ESCELSA.

Inaugurada a Congregação Presbiteriana em Vila Velha, no mesmo local onde está edificado o templo da Igreja hoje, à Rua Cabo Aylson Simões n° 384, no centro da Cidade, ela passou a ser conhecida como "a Igreja de Seu Abílio", apelido que persistiu por longos anos, mesmo depois da Congregação ter sido transformada em Igreja.

A 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória escalava seus presbíteros para prestarem assistência religiosa à Congregação e, uma vez por mês, esta era visitada pelo Pastor.

Um desses presbíteros foi o Sr. Jaques Alves Ribeiro, meu avô materno que, uma vez por mês, fazia o trajeto Vitória x Vila Velha e vice-versa, para incumbir-se de sua missão.

Na época do "Estado Novo", em que o País era governado por Getúlio Vargas e a Congregação estava iniciando seu trabalho de evangelização em Vila Velha, o trânsito de passageiros na baía de Vitória foi proibido, ficando o acesso entre a ilha de Vitória e Vila Velha, no continente, sendo feito apenas através da "Ponte Florentino Avidos" mais conhecida por "Cinco Pontes".

O Sr. Jaques, para chegar à Congregação, teria que caminhar do centro de Vitória, passando pela Vila Rubim, Ilha do Príncipe, atravessar a ponte que, na época era o único meio de entrar e sair da ilha, chegar ao Bairro de São Torquato, já no Município de Vila Velha, caminhar até o Bairro de Paul, para, ali, embarcar no bonde, com destino à Cidade de Vila Velha. Era uma longa caminhada!

O trânsito na ponte era fiscalizado por soldados da Polícia Militar, que identificavam e revistavam todos os transeuntes.

E, num dia de domingo, andando a caminho de Vila Velha, com destino à Congregação, ao chegar à ponte, o Sr. Jaques foi parado pela patrulha da Polícia Militar sendo abordado por um dos soldados:

- Está armado? Pergunta o soldado.
- Estou. Responde o Sr. Jaques, sendo revistado.

O soldado não encontra nenhuma arma sendo portada pelo viajor e retruca:

- Cadê a arma?

Ele responde, mostrando o livro que carregava.

- Isto é um livro! Exclama o soldado.
- É a minha arma. A Bíblia Sagrada. O Livro de Deus. Diz o interpelado.

O soldado o libera, dizendo para seus colegas:

- Ele é um "bíblia". Pode passar.

O Sr. Jaques, após o incidente, ficou conhecido no posto policial e, a partir de então, nunca mais foi revistado pois, quando se aproximava, era logo identificado como "o bíblia", e o deixavam passar.

1948

Minha família passou a freqüentar a Congregação Presbiteriana de Vila Velha em outubro de 1948, data em que passamos a residir no Bairro da Glória.

Lembro-me que, no primeiro domingo seguinte ao dia da mudança, meus pais nos levaram, a mim e a meus irmãos, à Congregação, para participarmos da Escola Dominical, que se reunia às quinze horas.

Saíamos a pé, do Bairro da Glória, e, seguindo os trilhos do bonde ou indo pela estrada de rodagem, que naquela época tinha pouco tráfego de veículos e não era asfaltada, após uns trinta minutos de caminhada, chegávamos à Congregação: uma pequena casa de dois cômodos. Um, maior, que servia de salão de cultos e onde funcionava a classe dos adultos, onde se lia, escrito na parede atrás do púlpito, o versículo 6, do capítulo 14, do Evangelho de João:

Disse Jesus: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim".

e, outro, menor, aos fundos, onde as crianças se reuniam.

Era uma construção simples, situada no meio de um terreno murado, com um portão de madeira à frente, fechado por um cadeado. Nos fundos cresciam pés de batata doce e uma aboboreira.

De vez em quando chegávamos à Congregação e encontrávamos o cadeado do portão cheio de bosta de cachorro, exalando um mau cheiro horroroso, sendo necessário jogar uma ou duas latas de

Vila Velha tinha poucos habitantes e quase todos se conheciam. Sua população se concentrava nas proximidades da linha do bonde, que fazia o trajeto Paul ao Quartel de Piratininga, atravessando toda a Cidade.

Sua população era predominantemente católica e os poucos evangélicos não eram vistos com agrado.

Havia um templo da Igreja Batista, localizado à Rua Luciano das Neves e outro Adventista, à Rua Henrique Moscoso, nos mesmos locais onde até hoje se encontram.

As poucas escolas primárias existentes no Município, uma vez por mês, eram visitadas por frades franciscanos, instalados no Convento da Penha, que ministravam "educação religiosa" ou aulas de catecismo aos alunos e as professoras ensinavam a meninada a fazerem o "sinal da cruz" e a rezarem a "ave Maria", obrigando-os a alguns minutos de "reza" no início das aulas.

Freqüentando a "Escola Glória", antecessora do "Grupo Escolar Naydes Brandão", no Bairro da Glória, sendo de lar evangélico, muito estranhei, nos primeiros dias de aula, o fato dos alunos serem induzidos a rezar "padres nossos" e "aves marias" nas salas de aula.

Enquanto todos rezavam, eu ficava calado, recusando-me a fazer o "sinal da cruz".

Lembro-me da primeira vez em que a classe de alunos foi esperar o frade franciscano junto ao ponto do bonde, próximo à escola. O frade saltou do bonde e dirigiu-se à sombra de uma castanheira onde se sentou em um banco de madeira, e os meninos e meninas, conduzidos pela professora primária, inclusive eu, então com sete anos de idade, se perfilaram e, em fila indiana, se aproximaram do frade, com sua batina marrom, e, segurando sua mão, respeitosamente, beijavam um anel que ele tinha em um de seus dedos.

Ao aproximar-me, tomei sua mão e o cumprimentei, não

beijando seu anel, sendo observado pela professora.

A partir de então, fui dispensado de assistir às aulas de religião. Que alívio!

Ao chegarmos à Congregação, ali encontramos poucas pessoas se reunindo, a saber: o Sr. Abílio Gueiros, sua esposa Sara e seus filhos Jabes, Gedelti, Jedaias, Sara, Jerusa e Edna Júnia; o Sr. Ovídio Beiriz de Matos e sua esposa Leonor, com seus filhos Ruy, Zilda, Isaura, João Pessoa e Alziro; Sr. Amadeu Nascimento e sua mulher, Sra. Astrogilda, e seus filhos Ailton, Neemias, Ataías, Eunice, Adiel, Amadeu, Adonias e Rute; Sra. Isabel Ribeiro Martins; Sra. Rosa Peniche; Sr. Vicente Moreira e sua esposa Vitória Moreira Costa, e seus filhos João, Noêmia, Débora e Paulo Silas; Sr. Antonio Furtado e a Sra. Ana de Oliveira Batista acompanhada de suas filhas.

A nossa chegada foi um bom reforço, pois minha família era composta por meu pai, Sr. Annibal Brinco Filho, minha mãe, Sra. Eny Alves Ribeiro Brinco, filha do presbítero Jaques Alves Ribeiro, "o bíblia", eu, Joel, e meus irmãos Ester e Jaques Aníbal, e Geni Ribeiro, uma moça que conosco residia, fazendo parte de nossa família.

Conosco chegou minha tia, Sra. Maria Clara Ribeiro Costa, conhecida por "Dona Clarita", irmã de minha mãe, e seus filhos Sônia, Antonio Carlos e Natália.

Com a nossa chegada, o templo da Congregação ficou pequeno!

Os trabalhos na Congregação consistiam de dois cultos na semana, aos domingos e às quintas-feiras, à noite, e a escola dominical, no domingo, à tarde.

Lecionavam na escola dominical os Srs. Abílio Gueiros e Ovídio Matos, nas classes de adultos, masculina e feminina, e a Sra. Sara Gueiros, na classe das crianças.

O Rev. Renato Ribeiro dos Santos, pastor da 1ª Igreja

Presbiteriana de Vitória, em uma das quintas-feiras de cada mês, visitava a Congregação, dirigindo o culto da noite. Saía ele de Vitória, à tarde, logo depois do almoço, tomava o bonde em Paul, e ia visitando os crentes ao longo da linha de bondes. Sua primeira parada era no Bairro de Aribiri, onde visitava o Sr. Antonio Furtado que ali residia; a seguir, tomava novo bonde e saltava no Bairro da Glória, visitando a minha família e a família da minha tia Clarita. Em nossa casa, onde chegava por volta das três horas da tarde, fazia uma devocional, com leitura da Bíblia, cântico de hinos e oração, tomava um café com bolo, que sempre estava preparado, à sua espera, despedia-se de todos, lembrando-nos do culto da noite, e seguia em direção à Cidade de Vila Velha, com o intuito de visitar os demais crentes que ali residiam.

Os Srs. Joel de Oliveira Lima, Durval Conti, Manoel dos Passos Barros e Daniel Botelho, presbíteros da Igreja em Vitória, revezavam-se na direção dos cultos na Congregação.

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Os membros da Congregação eram muito unidos, visitavam-se uns aos outros, e a comunidade crescia com a chegada de novos crentes.

E, com isso, teve início a construção do futuro templo da Igreja, no mesmo local onde funcionava a Congregação.

Esta passou a se reunir no quintal da residência do Sr. Abílio Gueiros, à Rua Henrique Moscoso, próximo à Igreja Adventista, onde, nas tardes de domingo, debaixo de umas mangueiras, funcionava a Escola Dominical.

Semanalmente, os crentes se reuniam em culto público na residência de cada um, segundo uma escala predeterminada.

Os homens e as crianças da Congregação ajudavam na construção do templo. Lembro-me que ajudei a carregar muitos tijolos para cima dos andaimes e o meu pai, Annibal, foi o responsável por toda a instalação elétrica do templo, que ficou pronto no final do ano de 1953.

Assim, em 19 de janeiro de 1954, a Congregação foi organizada em Igreja, sendo denominada **Igreja Presbiteriana da Cidade do Espírito Santo**, já que o nome da Cidade só voltou a ser Vila Velha em 1959.

O Ver. Jedaias Victalino Teixeira Gueiros, filho do Sr. Abílio Gueiros, foi nomeado Pastor Evangelista da nova Igreja, pelo período de um ano, nela permanecendo até dezembro de 1959, nessa condição.

Na data da inauguração os novos membros, transferidos da Igreja Presbiteriana de Vitória, foram:

Abílio Teixeira Gueiros (eleito presbítero em 19.01.54)
Annibal Brinco Filho (idem)
Ovídio Beiriz de Matos (idem)
Adaías Heringer da Silva (eleito diácono em 19.01.54)
Gedelti Vitalino Teixeira Gueiros (idem)
Ruy Carlos de Matos (idem)
Antonio Furtado
Ana de Oliveira Batista
Amadeu de Oliveira Nascimento
Astrogilda de Carvalho Nascimento
Ailton de Carvalho Nascimento
Alziro Viana de Matos
Darci Delunardo dos Santos
Daniel Fernandes Alves
Eny Alves Ribeiro Brinco
Emilia Alves Ribeiro
Francisca Laurindo Silva
Geni Ribeiro
Hilda Fernandes Alves
Isabel Ribeiro Martins
Isaura Aldina de Matos Barreto
Jabes Vitalino Teixeira Gueiros
Jerusa Margarida Vitalino Gueiros
João Laurindo Silva
João Pessoa de Matos
Luiza Monteiro
Leni Oliveira Batista
Leonor Matos
Maria Clara Ribeiro Costa
Neemias de Oliveira Nascimento
Noemia Moreira Costa
Rosa Batista Lobo
Sara Vitalino Gueiros
Vicente Moreira da Costa
Vitória Moreira Costa
Waldenir Amaral de Matos
Zilda Matos Monteiro

E, transferidos da Igreja Presbiteriana de Resplendor, Minas Gerais:

Felipe Aidano da Silveira
Helena Vieira da Silveira

Na solenidade de organização da Igreja, no culto da noite, foram recebidos por profissão de fé:

Joel Ribeiro Brinco
Sonia Ribeiro Costa
Ana Maria dos Santos Rocha
Débora Moreira da Costa

O primeiro batizado ocorrido na Igreja recém organizada foi do menino Evandro Mattos Barreto, filho de Isaura Mattos Barreto e de Hélio Barreto, tendo sido oficiante o Rev. Jedaias Gueiros, e o primeiro casamento foi de Jabes Gueiros e Aurete Botelho, ele, filho do Sr. Abílio e de Sara Gueiros.

A primeira Assembléia Geral Ordinária da Igreja aconteceu no dia 31 de dezembro de 1954, com a presença de 27 membros, sendo presidida pelo Pastor, Rev. Jedaias, presentes os presbíteros Ovídio Beiriz de Matos, Abílio Gueiros, Anníbal Brinco Filho e o presbítero Wilson Barbosa dos Santos, que chegara no decorrer do ano, vindo da Igreja Presbiteriana de Santo Antônio.

O presbítero Annibal foi o primeiro Superintendente da Escola Dominical e, indicado Secretário da Assembléia, abriu a reunião com uma oração. Nessa Assembléia foi ele indicado o primeiro Representante da Igreja junto ao Presbitério, sendo encarregado de ali manifestar o desejo da Igreja de ter o Rev. Jedaias como pastor no ano seguinte, de 1955.

Em 30 de agosto de 1959, a Igreja, em Assembléia Geral Extraordinária, dirigida pelo Rev. Orlando Sathler, pastor da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória, elegeu, pelo período de três anos, 1960 a 1962,

o Rev. Jedaias, para pastoreá-la, não mais como pastor evangelista e, sim, como pastor eleito. Nessa eleição Jedaias não teve concorrente, sendo candidato único.

Porém, para surpresa da Igreja, o Rev. Jedaias, não assumiu o cargo de pastor eleito, transferindo-se para a Igreja Presbiteriana de Guarús, do Presbitério de Campos, no Estado do Rio de Janeiro, deixando a Igreja Presbiteriana de Vila Velha (novo nome depois da mudança do nome da Cidade) sem pastor.

Sua renúncia foi aceita pela Igreja, reunida em Assembléia Geral Extraordinária em 24 de janeiro de 1960, dirigida pelo Rev. Renato Ribeiro dos Santos.

O Rev. Jedaias pastoreou a Igreja, na qualidade de Pastor Evangelista, desde sua organização em 1954, até dezembro de 1959.

Com o afastamento voluntário do Rev. Jedaias, o Rev. Renato Ribeiro dos Santos prestou assistência pastoral à Igreja no decorrer do ano de 1960, sendo substituído, no ano seguinte, de 1961, pelo Rev. Orlando Sathler e, no início do ano de 1962, a assistência pastoral foi prestada pelo Rev. Francisco da Silva Neto que, em 25 de março de 1962 dirigiu reunião da Assembléia Geral Extraordinária que elegeu o Rev. Milton Othon de Albuquerque Leitão, pastor da Igreja pelo período de três anos.

Após sua organização, a Igreja Presbiteriana de Vila Velha começou a se desenvolver com a chegada de novos membros que, vindos do interior do Estado, passaram a residir na Cidade, como, por exemplo, as famílias do Sr. Manoel Gomes Pereira, Leôncio Marinho, Alcary Simões, Leôncio Antonio Medeiros, José Felisberto Vicente Gonçalves e outras oriundas de outras Igrejas da região, como a do Sr. Wilson Barbosa dos Santos, Dorvalina Rubert, além de outras recém-convertidas, como a do Sr. Itamar Alfredo Médice.

Em 1960 a Igreja começou a ampliar suas instalações, iniciou

suas atividades no Bairro de Ataíde, com um ponto de pregação que logo se tornou Congregação, e já mantinha em atividades uma Congregação no Bairro do Ibes.

A IGREJA DE "SEU ABÍLIO"

O Sr. Abílio Gueiros era pessoa influente junto à sociedade vilavelhense onde foi comerciante, proprietário de uma padaria situada no centro da cidade, à distância de uns duzentos metros do templo da Congregação.

Única padaria no local, todos, diariamente, a ela se dirigiam em busca de pão, biscoitos e outras guloseimas, sendo seu proprietário muito benquisto na Cidade, conhecido e respeitado por todos.

Inaugurada a Congregação, sendo ela freqüentada pela família do Sr. Abílio, todos a ela se referiam como "a Igreja de seu Abílio".

Não era a Congregação Presbiteriana. Era a "Igreja de seu Abílio".

E, de fato, quando Congregação e depois, nos primeiros anos de organizada em Igreja, a família Gueiros era a mais proeminente na comunidade presbiteriana de Vila Velha:

O pastor, era filho do Sr. Abílio;

O Sr. Abílio era presbítero da Igreja, bem como seu filho Gedelti;

Outro filho, Jabes, era diácono.

Sua esposa, Sra. Sara, exercia cargos na SAF – Sociedade Auxiliadora Feminina, sendo, quase sempre, sua presidenta.

O Sr. Abílio e sua esposa lecionavam na Escola Dominical.

Gedelti organizou a UMP – União de Mocidade Presbiteriana,

No púlpito, quando o Pastor Jedaias não pregava, pregava seu irmão Gedelti ou alguém designado pela família Gueiros.

De fato! A Igreja parecia ser do "seu Abílio"!

E, como o Sr. Abílio dava as ordens na Igreja, amparado por sua família, quando houve a primeira eleição para pastor, em 1959, ninguém se dispôs a disputar o cargo com o Rev. Jedaias, filho do Sr. Abílio, pois, se viesse a ganhar, dificilmente teria ele condições para bem exercer seu pastorado, como veio a ocorrer alguns anos depois.

Mas, isto é outra história!!!

Vimos que o Rev. Jedaias pastoreou a Igreja Presbiteriana de Vila Velha no período de 1954 a 1959, na qualidade de Pastor Evangelista e, no final de 1959, renunciou ao pastorado efetivo após ter sido eleito para o período de três anos.

A família Gueiros foi uma bênção na Igreja Presbiteriana de Vila Velha, onde seus membros exerceram liderança inconteste até novembro de 1965.

O Sr. Abílio exerceu o presbiterato durante todo aquele tempo: sua esposa, Sra. Sara, atuou ativamente na liderança da Sociedade Auxiliadora Feminina, além de ter sido, por muitos anos, professora no Departamento Infantil da Escola Dominical.

Gedelti Gueiros foi o organizador e o primeiro presidente da União da Mocidade, além de ter exercido o diaconato e, depois, o presbiterato. Na Escola Dominical chegou a exercer a superintendência.

Jabes Gueiros exerceu o diaconato.

Nelly Rabelo Gueiros, esposa do Rev. Jedaias, foi supervisora da Liga Juvenil e regente do Coral da Igreja.

Jurama Barros Gueiros, esposa de Gedelti, chegou à presidência

da SAF em 1963, sendo substituída no ano seguinte, 1964, por Jerusa Gueiros Samú, filha do Sr. Abílio.

Mas a paz terminou no dia 28 de novembro de 1965!

28 DE NOVEMBRO DE 1965

ELEIÇÃO DE PASTOR

Era pastor da Igreja o Rev. Milton Othon de Albuquerque Leitão. Seu mandato estava chegando ao fim e concorreram ao cargo o Rev. Jedaias Vitalino Teixeira Gueiros, filho do Sr. Abílio Gueiros, que abandonara o pastorado seis anos antes, em 1959, e o Rev. Sebastião Bitencourt dos Passos, vindo de uma igreja do sul do Estado, pouco conhecido em Vila Velha.

A Igreja crescera com a chegada de novos membros, vindos do romanismo ou transferidos de outras igrejas.

Com a proximidade da eleição para pastor, a Igreja dividiu-se em sua preferência: alguns, liderados e sugestionados pela família Gueiros, proclamavam a necessidade de se eleger o Rev. Jedaias e, outros, considerando, talvez, que ele, alguns anos antes, abandonara a Igreja após acabar de ter sido eleito, preferiam o novo candidato, Rev. Sebastião.

A família Gueiros julgava ser muito improvável a eleição do Rev. Sebastião em desfavor de seu filho Jedaias, face a grande influência que sempre exercera na Igreja, desde os tempos da Congregação.

Afinal, todos, ou quase todos, conheciam o Rev. Jedaias e, por isso, deveriam apóiá-lo, elegendo-o Pastor.

O outro candidato, Rev. Sebastião, era um ilustre desconhecido que pregara uma ou duas vezes na Igreja, em ocasiões

passadas, sendo ele muito pretensioso em disputar a eleição

com alguém da família Gueiros.

A Igreja estava dividida entre os partidários da família Gueiros, que desejavam a eleição do Rev. Jedaias e os que não julgavam ser conveniente tal eleição.

Tal situação faz recordar a Igreja de Corinto, na época do Apóstolo Paulo (I Co. 1:10-17). Estava a Igreja dividida entre os simpatizantes dos Gueiros e os que desejavam mudanças na direção da Igreja. Todos pressionados por Abílio e Gedelti, esquecendo-se que a Igreja não era propriedade de uma família e, sim, de Cristo.

A pedra fundamental da Igreja é Cristo e não qualquer outra pessoa, como ensina o Apóstolo Pedro (I Pe. 2: 1-10).

Os que formam a Igreja são "*raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamarem as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz...*".

A Igreja não pode ser manipulada por quem quer que seja.

Resultado: O Rev. Sebastião Bitencourt dos Passos foi eleito pastor da Igreja com 62 votos, tendo o Rev. Jedaias obtido apenas 41 votos.

Assim, no triênio 1966/1968, seria o Rev. Sebastião o Pastor efetivo da Igreja Presbiteriana de Vila Velha, eleito pela maioria dos membros da Igreja.

A eleição não apaziguou os ânimos da família Gueiros e os de seus seguidores.

O CISMA

Ainda nos dias do Novo Testamento surgiram divisões e partidos na Igreja, como se vê em I Co, 1: 11,12 e Ap. 2:14,15, e isso nunca mais parou de ocorrer.

Movimentos cismáticos de grande proporção ocorreram no seio da Igreja, tais como a divisão ocorrida em 1054 d.C. que deu origem ao surgimento da igreja ortodoxa e no século XVI com a Reforma Protestante.

Também ocorreu no seio da Igreja Presbiteriana de Vila Velha, de onde surgiu aquela que veio a se intitular Igreja Cristã Maranata!

Eis os fatos:

A família Gueiros, liderada por Gedelti e seu pai, Abílio, inconformada com a eleição do Rev. Sebastião Bitencourt dos Passos para pastorear a Igreja, tudo fez para anular a eleição junto ao PVTR – Presbitério de Vitória.

Influente junto àquele Presbitério, conseguiu, em parte, seu intento, pois o Presbitério acabou não aprovando a eleição do Rev. Sebastião para o pastorado da Igreja *"em virtude da inobservância de preceitos constitucionais indispensáveis"*.

Tais *"preceitos"* nunca foram satisfatoriamente explicados pelo Presbitério. A anulação da eleição visou apenas dar uma satisfação à família Gueiros, que estava inconformada com seu alijamento do controle da Igreja, vendo seu desejo de poder ser atacado pela raiz.

Mas, mesmo tendo conseguido anular a eleição do Rev. Sebastião, os Gueiros não conseguiram seu intento de colocar o Rev.

Jedaias no comando da Igreja pois o Presbitério, atendendo à vontade da maioria dos membros, convidou o Rev. Sebastião para permanecer à frente dos trabalhos na qualidade de Pastor Evangelista e, em 03 de março de 1966, perante o Conselho da Igreja, ele assumiu o cargo.

Em 21 de maio de 1966, reunido com as ausências de Gedelti, Abílio e Alcary Simões, que eram contrários à permanência do Rev. Sebastião, o Conselho, inconformado por não ter conhecimento oficial das razões que levaram o Presbitério a anular a eleição de pastor realizada em 28 de novembro do ano anterior, e querendo ter um Pastor-Efetivo à frente da Igreja, já que estava em condições de mantê-lo, enviou ofício ao Presbitério pedindo que em sua reunião extraordinária marcada para daí a dois dias, lhe designasse Pastor-Efetivo pelo período de três anos, tendo seu pedido atendido, sendo o Rev. Sebastião designado para o cargo até a data de 23 de maio de 1969. Essa decisão, praticamente, foi um "balde de água fria" nos propósitos dos Gueiros.

Dos oito presbíteros que compunham o Conselho, o Pastor contava com o apoio de cinco: Leôncio Antonio Medeiros, vice-presidente do Conselho, Aníbal Brinco Filho, Wilson Barbosa dos Santos, Amadeu de Oliveira Nascimento e Manoel Gomes Pereira.

Faziam-lhe oposição os presbíteros Gedelti Vitalino Teixeira Gueiros, Abílio Teixeira Gueiros e Alcary Simões, que procuravam indispor o Pastor com a Igreja.

Ao final do ano de 1966, em reunião do Conselho do dia 18 de dezembro, embora fosse contrário à permanência do Rev. Sebastião, Gedelti elogia seu desempenho no pastorado da Igreja, dizendo *"confiar na sua equilibrada direção e evangelização, fazendo votos de sucesso no ano de 1967"! (sic).*

Tais votos nunca foram marcados pela sinceridade pois a grande oposição ao Pastor Sebastião começou, exatamente, no início daquele ano de 1967, encabeçada por Gedelti.

Em 1° de maio de 1965 fôra organizada a Congregação da Toca,

no Bairro de Cruz do Campo, tendo sido Itamar Médice designado responsável por ela.

Em 1967 Alcary Simões foi designado pelo Conselho para ficar à frente daquela Congregação, tornando-se um verdadeiro ditador, comandado à distância por Gedelti, não dando nenhuma satisfação de seus atos ao Conselho da Igreja e, em especial, ao Rev. Sebastião.

Em 13 de maio de 1967, Alcary iniciou a construção de um templo, ao lado da Congregação de Cruz do Campo, sem autorização do Conselho, sem planta do prédio e sem verba orçamentária para tocar a obra.

Indagado pelo Conselho, disse estar dirigindo a construção com ofertas voluntárias, não estando a obra do templo vinculada à Igreja Presbiteriana de Vila Velha, podendo vir a ser utilizado por qualquer Igreja e que lá poderia pregar qualquer pessoa, independentemente do Conselho ou do Rev. Sebastião.

Quem financiava a construção não eram ofertas voluntárias e, sim, Gedelti Gueiros.

Nessa oportunidade, Gedelti e seu pai, Abílio, comandavam uma rebelião no seio da Igreja, contra o Rev. Sebastião, chegando a exercer sua má influência sobre quase metade dos membros.

Tentavam introduzir doutrinas alheias ao presbiterianismo, dando ênfase a revelações, profecias e dons de línguas, deturpando a mensagem bíblica.

Felizmente, Gedelti e seu pai já não lecionavam na Escola Dominical e o professor de então, não dava oportunidade para que eles e seus adeptos ministrassem, de público, seus ensinamentos.

Tentaram fazê-lo junto à Congregação do Bairro da Glória, porém ali também não conseguiram êxito.

Porém conseguiram sucesso junto à Congregação de Cruz do

Campo, com o auxílio de Alcary Simões e de Itamar Médice, que estavam à sua frente e, onde, inclusive, chegaram a impedir o Rev. Sebastião de pregar.

Gedelti, mancomunado com Alcary, violando recomendação do Conselho, autorizou um pastor de um movimento autodenominado de "renovação carismática", chamado Jonas José Marques, a realizar uma série de pregações na Congregação de Cruz do Campo que, iniciando numa sexta-feira, iria até a quarta-feira da semana seguinte.

No sábado, daquela semana, ignorando que o tal pastor Jonas estava a pregar na Congregação, o Rev. Sebastião foi à Congregação com a finalidade de realizar culto de evangelização na casa de pessoas interessadas no evangelho, como freqüentemente fazia. Não pôde fazê-lo por causa das pregações carismáticas do pastor Jonas, financiadas por Gedelti, através de Alcary.

No sábado seguinte, em programa especial da "semana santa", o Rev. Sebastião também não conseguiu pregar na Congregação porque Alcary convidara um presbítero de outra Igreja, que havia sido disciplinado pelo Conselho da Igreja Presbiteriana de Vila Velha.

No terceiro sábado, o Rev. Sebastião pediu ao Sr. Teodolino Vieira, membro da Congregação de Cruz do Campo, para providenciar a residência de uma pessoa interessada no evangelho onde ele pudesse pregar e o Sr. Teodolino lhe respondeu que Gedelti lhe dissera que o responsável pelos trabalhos naquela Congregação era o presbítero Alcary e que não haveria culto em casa de particular e, sim, na Congregação, pois *"precisavam buscar poder" e que o Pastor, se quisesse, poderia ir à Congregação como mero espectador". (!).*

Teodolino Vieira, que estava acompanhado por outro membro da Congregação, Sr. Valentim Pinto da Vitória, disse ao Pastor que a doutrina pregada na Congregação de Cruz do Campo era a *"busca do batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, de acordo com o Movimento de Renovação Carismática"* e que a liderança da

Congregação convidava pregadores à revelia do Conselho da Igreja. Ao final, chamou o Pastor de *"Editor de Bula Papal" e responsável por todos os problemas da Igreja Presbiteriana de Vila Velha, por ter vetado uma série de pregações de Jonas Marques na sede da Igreja.*

Alcary, coordenador dos trabalhos na Congregação de Cruz do Campo, pediu ao Rev. Sebastião para que se afastasse da mesma, *"deixando-a em paz"* pois não iria permitir a intromissão de ninguém nos trabalhos.

Depois disso, o Rev. Sebastião deixou de dar assistência pastoral àquela Congregação, ficando ela, definitivamente, sob o controle de Alcary e Gedelti.

O Rev. Sebastião levou ao conhecimento do Presbitério os problemas existentes na Congregação e da participação dos rebeldes no "Movimento de Renovação Espiritual", tendo o Presbitério criado uma Comissão Especial formada pelos Revs. Francisco da Silva Neto, Wellste Guida e Rubens Duarte Albuquerque e pelos presbíteros Jaime Gáudio e Manoel dos Passos Barros, este, sogro de Gedelti (!) para analisarem o problema, sendo o Conselho da Igreja Presbiteriana de Vila Velha convocado para uma reunião no dia 4 de julho de 1967, no templo da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória. O Conselho fez-se representar naquela reunião pelos presbíteros Wilson Barbosa dos Santos, Amadeu Oliveira Nascimento e Manoel Gomes Pereira, que ali ratificaram as declarações prestadas pelo Rev. Sebastião, ocasião em que o Pastor solicitou seu afastamento da Presidência do Conselho por sessenta dias para evitar confrontação com os presbíteros dissidentes.

Registre-se que Manoel dos Passos Barros, designado para compor a Comissão Especial do Presbitério para analisar os problemas que vinham ocorrendo na Igreja Presbiteriana de Vila Velha, embora fosse presbítero da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória, era sogro de Gedelti e, como o seu genro, também estava envolvido no tal "Movimento de Renovação Espiritual".

Gedelti e seu grupo enviaram, ao Conselho da Igreja

Presbiteriana de Vila Velha, um "abaixo assinado", protestando sobre a convocação para a reunião do dia 4 de julho de 1967, com a Comissão Especial do Presbitério, nos seguintes termos:

"Nós, abaixo assinados, membros da Igreja Presbiteriana de Vila Velha, e presbíteros eleitos, desejamos expressar formal e enfaticamente, nossa discordância pela maneira com que estamos sendo tratados, especialmente usando nosso "direito de protestar" contra a resolução do Presbitério em sua reunião extraordinária que resolveu, sem motivo que se possa justificar, isto é, sem documento legal, ou coisa semelhante, convocar o Conselho sob a tutela ou assessoramento de membro desse Concílio. Não podemos, Sr. Presidente, entender qual a finalidade e objeto de tal convocação, feita fora dos limites de nossa jurisdição e ainda sem o necessário discernimento da matéria a ser tratada, em meio a convocação e exercício pleno do Presbitério. Estranhamos que, em tão longa vida deste Conselho, só agora e de modo improvisado, fôssemos convocados para uma reunião de cuja agenda nada podemos informar, pois não temos conhecimento da existência de qualquer papel tramitado por esta competente via. Assim afirmando,queremos levantar nosso protesto por qualquer resolução que se venha praticar sob qualquer pretexto ou razão, especialmente por assuntos que não foram considerados preliminarmente por este Conselho ou que fira o preceito legal da Constituição da Igreja (CI) no seu artigo 63, que ensina aos neófitos: "Nenhum documento subirá a qualquer Concílio...". Qualquer atitude assumida por infringência de nossa Lei Magna, reguladora de nosso comportamento, será por nós considerada nula, pleno "jure ex-vi" o artigo 145, que diz:"São nulas de pleno direito quaisquer disposições que, no todo ou em parte, implícita ou expressamente, contrariem ou ferirem a CI da Igreja Presbiteriana do Brasil. Vila Velha, 4 de julho de 1967. Ass: Gedelti Gueiros, Abílio Gueiros e Alcary Simões."

Interessante nesse abaixo assinado, escrito por Gedelti, e assinado por Abílio e Alcary, é que eles se comportam como vítimas de uma trama, como se eles é que fossem oprimidos e perseguidos pelos demais membros do Conselho ao invés de, como de fato acontecia, serem eles os algozes do Reverendo Sebastião cujo único pecado fôra o de ter

vencido as eleições para pastorear a Igreja, em detrimento de Jedaias Gueiros, membro do clã dos Gueiros.

Gedelti, não satisfeito com o protesto supra, juntou, naquela oportunidade, outro, em seu nome pessoal:

"Gedelti V.T. Gueiros, abaixo assinado, membro deste Conselho e representante da Igreja junto ao Presbitério, no uso de suas atribuições constitucionais da Igreja Presbiteriana do Brasil, vem com respeito, protestar e denunciar o seguinte: *'O Rev Sebastião Bitencourt dos Passos apresentou à Comissão Executiva do Presbitério de Vitória, queixa contra presbíteros da Igreja de Vila Velha que, para maior esclarecimento, podemos dividir em duas partes: 1ª) Queixa contra três presbíteros: Abílio, Gedelti e Alcary. 2ª) Queixa contra suposta infiltração do Movimento de Renovação Espiritual. O referido Pastor não deu ciência ao Conselho do encaminhamento desse papel, ficando ilegal qualquer reunião que venha tratar deste assunto com a presença do Presbitério ou Comissão Especial, sem o convite do nosso Conselho, pois a CI no artigo 63, diz: "Nenhum documento subirá a qualquer Concílio, se não for por intermédio do inferior competente, salvo quando este se recusar a encaminhá-lo". O artigo 19 do Código Disciplinar (CD) estabelece o seguinte: "Compete aos Conselhos processar e julgar originariamente membros e oficiais da Igreja." Não sendo maioria do Conselho implicada na queixa, nem tão pouco ministro, não poderá prevalecer o artigo 45 do CD, nem o artigo 20, que diz: "Compete ao Presbitério: I – Processar e julgar originariamente: a) Ministros; b) Conselhos". O artigo 81, letra e, da CI, usado como pretexto da referida reunião, está mal empregado à luz das razões acima expostas e, por este motivo, deixo de reconhecer a legalidade da reunião do Conselho, pedindo que o referido protesto seja inserido na ata desta sessão nos termos em que está redigido. OBS: Requeiro, em tempo, que seja encaminhado ao Presbitério cópia do presente protesto. Para clareza firmo o presente. Ass: Gedelti Vitalino Teixeira Gueiros (presbítero)."*

O Presbitério, reunido em 14 de julho de 1967, emitiu a seguinte Resolução, que trata do envolvimento dos presbíteros no dito

"Movimento de Renovação Espiritual":

.....

"1 – Considerando os acontecimentos relacionados com algumas Igrejas do Presbitério decorrentes das atividades desenvolvidas por ministros do Presbitério, que introduziram nessas comunidades pregadores da chamada 'Renovação Espiritual'.

2 – Considerando que um ministro deste Presbitério colaborou com o programa radiofônico "Hora de Deus", levantando entre presbiterianos ofertas para manutenção financeira do referido programa, que pertence, por estilo, ao "Movimento Renovação Espiritual" ou qualquer outro nome que se lhe dê.

3 – Considerando que, além da contribuição financeira que esse ministro deu ao trabalho em tela, tem oferecido, também, a sua colaboração ao mesmo programa como pregador e, de tal maneira, que deixa a impressão a quantos o ouvem nesse horário, que a Igreja Presbiteriana homologa tal trabalho.

4 – Considerando que o caráter do trabalho a que nos estamos referindo, chamado "renovação espiritual" é realizado por pastores e leigos que na maioria tiveram que abandonar suas igrejas evangélicas de origem, por adotarem as posições de tal movimento.

5 – Considerando que a infiltração desses obreiros pregadores nos arraiais presbiterianos constitui grande perigo, pois, uma vez que deram razão para divisão nas igrejas que pertenciam ou para serem excluídos delas, gerarão, sem dúvida, o mesmo fenômeno aonde quer que aterrissarem.

6 – Considerando que um obreiro deste Presbitério rejeitou os apelos deste Concílio no sentido de não mais participar do movimento em foco, da maneira como vinha fazendo, isto é, pregando nos seus programas e convidando pregadores da "renovação espiritual" para pregar

nos púlpitos das Igrejas que pastoreia.

7 – Considerando que o comportamento desse obreiro constitui um estímulo a que presbíteros, diáconos e membros das igrejas lhe sigam o exemplo.

8 – Considerando que compete ao Presbitério acautelar-se enquanto ainda é tempo, contra influências que ponham em perigo a unidade, a paz, a ordem e a boa administração da comunidade cristã sob sua jurisdição, conforme se lê em o "Digesto Presbiteriano", página 188.

Recomenda aos Presbitérios que se acautelem contra as influências de seitas heréticas , como Pentecostismo e Sabatismo. (O que aqui frisamos é o direito do Presbitério agir contra o que julgar prejudicial, nos limites de sua jurisdição). A Constituição da Igreja, em seu artigo 61, diz: "Os Concílios guardam entre si gradação de governo e disciplina e, embora cada um exerça jurisdição original e exclusiva sobre todas as matérias de sua competência, os inferiores estão sujeitos à autoridade, inspeção e disciplina dos superiores"; O artigo 62, letra b: " O Presbitério exerce jurisdição sobre os ministros e conselhos de determinada região". Artigo 70, letra a: "Dar testemunhos contra erros de doutrina e prática; determinar planos e medidas que contribuam para o progresso, paz e pureza da comunidade sob sua jurisdição", e resolve:

1 – Determinar aos Conselhos das Igrejas que não convidem pregadores não presbiterianos, ligados direta ou indiretamente aos "movimentos de renovação espiritual, nem aceitem ofertas suas para pregarem nos púlpitos das igrejas presbiterianas.

2 – Determinar aos seus ministros que sob nenhum pretexto convidem tais pregadores para quaisquer trabalhos eclesiásticos nos limites de nosso Concílio, nem aceitem suas ofertas para realizarem trabalhos dessa natureza.

3 – Determinar aos seus ministros que, sob nenhum pretexto, não participem como pregadores nos trabalhos dos ditos movimentos,

quer seja nos púlpitos das igrejas, quer em trabalhos radiofônicos, ou quaisquer outros.

4 – Determinar aos Conselhos que apliquem aos seus oficiais e membros de suas comunidades o que acaba de ser exigido dos ministros-pastores do nosso Concílio.

5 – Declarar que os trabalhos fraternais ou ecumênicos que se queira realizar entre os vários grupos evangélicos, nos limites de nosso Concílio, não devem ser promovidos nem aceitos por pastores, oficiais de Igrejas e de Conselhos, sem consulta prévia ao Presbitério, através de sua Comissão Executiva, sua possível homologação e inteira supervisão.

6 – Declarar que em face da situação criada pela infiltração das influências dos chamados "movimentos de renovação espiritual", mediante a presença de pregadores pertencentes a tais movimentos nos púlpitos de nossas Igrejas sob a responsabilidade de ministros e alguns presbíteros de nosso Concílio, nosso Presbitério vem há mais de um mês, se reunindo em sessões extraordinárias e de tribunal, tratando desse assunto que muito mal tem causado a todos nós.

7 – Declarar que a não observância do que agora se determina, constitui agravante de precedentes, arrogância, desobediência e não reconhecimento da falta."

Todos os presbíteros do Conselho da Igreja Presbiteriana de Vila Velha tomaram conhecimento da decisão supra, inclusive os três presbíteros rebeldes, que persistiram em sua rebeldia.

Em 6 de outubro de 1967, o Presbitério de Vitória, através de Resolução, faz considerações sobre as inquietações que continuavam a se verificar no meio presbiteriano, por influência do "movimento de renovação espiritual", considerando que tais inquietações se verificavam por falta de orientação doutrinária sobre a doutrina do Espírito Santo, sendo dever dos Concílios "dar testemunho contra erros de doutrina e prática, e promover e dirigir a obra de educação religiosa evangélica da

comunidade sob sua jurisdição."

Gedelti e seus acólitos continuavam pregando e praticando doutrinas nitidamente pentecostais, sob a bandeira do "movimento de renovação espiritual", aquartelados na Congregação de Cruz do Campo, suscitando apreensões quanto ao futuro da unidade, paz e harmonia da família presbiteriana, realizando reuniões onde se verificavam, de modo claro, os mesmos desvios doutrinários no que diz respeito à compreensão da doutrina do Espírito Santo, criando dificuldades e suscitando problemas nas igrejas, fomentando um movimento separatista, procurando aliciar elementos para suas hostes.

O Presbitério de Vitória, reconhecendo que tais pessoas operavam no sentido de ocuparem e retirarem patrimônio da Igreja Presbiteriana do Brasil e que continuavam infiltrados como membros de igrejas presbiterianas, não acatando o governo presbiteriano representado em seus concílios, recomendou às Igrejas sob sua jurisdição e aos demais Presbitérios que se acautelassem contra a influência de seitas heréticas, assumindo posições seguras e definidas contra tais movimentos, exigindo das pessoas comprometidas com eles, que se definam quanto à manifestação de sua fidelidade à doutrina e acatamento do governo e da disciplina adotada pela Igreja e determinando que oficiais e membros das Igrejas comprometidos com os movimentos de renovação ou por eles influenciados, não tivessem oportunidade para ensinar ou pregar nas igrejas.

As igrejas que maior influência sofreram desse "movimento" foram as de Vila Velha, Itacibá e Afonso Cláudio.

Em 29 de dezembro de 1967, analisando a situação da Congregação da Cruz do Campo que se tornara o "quartel general" de Gedelti e seus seguidores, à revelia da Igreja, o Conselho assim decidiu:

1 – Considerando que foi criada apenas uma Escola Dominical funcionando às 15 horas e que Gedelti e Alcary, conluiados com o

para as 8 horas, dificultando a visita do Pastor à mesma, e transformaram aquele ponto de Escola Dominical em Congregação com reuniões de culto em quase todos os dias da semana, inclusive aos domingos, à revelia do Conselho da Igreja.

2 – Considerando que os presbíteros e os membros que freqüentam aquela Congregação participam do "movimento de renovação espiritual" e passaram a se intitular no meio evangélico como "Igreja Cristã Presbiteriana".

3 – Considerando que levam pregadores pertencentes ao "movimento de renovação espiritual" à Congregação, sem permissão do Conselho, em desobediência às recomendações do Conselho e do Presbitério.

4 – Considerando que o Rev. Milton Othon Albuquerque Leitão foi afastado do ministério, preventivamente, por causa do "movimento de renovação espiritual", mostrando-se, todavia, desobediente, estando a exercer influência naquela Congregação.

5 – Considerando ser público e notório a deliberação daqueles irmãos de organizarem, naquele bairro, uma **igreja sismática com o nome de Igreja Cristã Presbiteriana**, este Conselho resolve **suprimir a Escola Dominical do Bairro de Cruz do Campo, vulgarmente chamada de Escola Dominical da Toca.**

A Sociedade Auxiliadora Feminina (SAF), em 29 de dezembro de 1967 informa ao Conselho estar passando por uma série crise decorrente da má influência e posterior abandono das irmãs que passaram às hostes do "movimento de renovação espiritual.

Também a Junta Diaconal informa a deserção de alguns diáconos para o "movimento de renovação espiritual".

E assim surgiu a "Igreja Cristã Presbiteriana", fundada e administrada por Gedelti Vitalino Teixeira Gueiros, que liderou a divisão

na Igreja Presbiteriana de Vila Velha e arregimentou seguidores em outras igrejas. De presbiteriana a nova igreja nada tinha, mas o nome presbiteriano servia de chamariz na arregimentação de novos membros para a nova denominação.

Mais tarde, já consolidada, Gedelti trocou o nome de sua igreja para "Igreja Cristã Maranata", nome que até hoje é por ela ostentado.

A nova igreja precisava dos préstimos de um pastor para organizá-la e Gedelti, para isso, se serviu do Rev. Milton Othon de Albuquerque Leitão, que havia sido excluído da Igreja Presbiteriana e necessitava de um "porto seguro" onde se estabelecer. Só que esse "porto seguro", não foi tão seguro assim pois, logo, logo, Milton Leitão foi dispensado por Gedelti e procurou refúgio, novamente, na Igreja Presbiteriana, arrependido de ter seguido Gedelti em seu movimento cismático.

Quase a metade dos membros da Igreja Presbiteriana de Vila Velha seguiram Gedelti, tendo sido excluídos do rol de membros da Igreja por terem assinado a ata de organização da "Igreja Cristã Presbiteriana de Cruz do Campo", conforme informação dos Srs. João Fausto de Souza e Carmem Sabaine Ribeiro, ambos membros fundadores da mesma e o testemunho do pastor Milton Leitão.

Seus nomes:

1 – Hermínio Rocha
2 – José Joaquim Ribeiro Filho
3 – Alcary Simões
4 – João Fausto de Souza
5 – Abílio Teixeira Gueiros
6 – Mauro Rodrigues Costa
7 – Gedelti V. T.Gueiros
8 – Itamar Alfredo Médice
9 – João Pessoa de Matos
10 – Moacir Cipreste

11 – Nilo Rodrigues da Cunha
12 – Teodolino Vieira
13 – Valentim Pinto da Vitória
14 – Wanderley Simões
15 – Wanderley Simões Filho
16 – Aziel Cezar do Amaral
17 – Rafael Samú
18 – Leôncio Marinho
19 – Efigênia da Conceição Freire
20 – Ivonete Alexandre da Cunha
21 – Jurama Barros Gueiros
22 – Jerusa Margarida Gueiros Samu
23 – Maria de Souza Pimenta
24 – Raymunda Maria de Jesus
25 – Sara Vitalino Gueiros
26 – Carmem Sabaine Ribeiro
27 – Arlete Ferreira dos Santos Vieira
28 – Valdira Araújo Simões
29 – Edna Junia Gueiros Freitas
30 – Ana Marinho
31 – Julia Marinho
32 – Nilda Rodrigues Leitão
33 – Luiz Gonzaga de Almeida
34 – Miguel Pinto Lobo
35 – Oséias Martins Araújo
36 – Oneide Simões
37 – Paulo Silas Simões
38 – Adelinda Dalva B. Simões
39 – Adalzira Cipreste
40 – Enilcéia Maria Simões
41 – Marinete Lima Lobo
42 – Nelly Rabelo Gueiros
43 – Nilda Aguirre Nascimento
44 – Rosa Batista Lobo

45 – João Pinto Lobo
46 – Nicodemos Henrique Machado
47 – Vicente Moreira da Costa
48 – Ana Almeida
49 – Ana Lucia de Oliveira Batista
50 – Ana de Oliveira Batista
51 – Albacir Pinto dos Santos
52 – Celi Batista Frasson
53 – Leni Batista Loureiro
54 – Marly Espíndula Simões
55 – Rosaly Batista Lobo
56 – Vera Lucia de Oliveira Batista
57 – Eulina de Souza Rocha
58 – Amélia Sonia da Rocha Costa
59 – Odete Mattos Médice
60 – Márcia Cristina M. Médice
61 – Mônica Cristina M.Médice
62 – Mércia Cristina M. Médice
63 – Eleuzes Faria de Albuquerque
64 – Eunice Faria de Albuquerque
65 – Debaldina dos Santos Rocha
66 – Maria da Glória dos Santos Rocha
67 – Antonio Correia
68 – Almir de Oliveira e Silva
69 – Waldemar Fernandes Bourguignon
70 – Manoel Vitorino Alves
71 – Josias Marinho, e outros...

Com os pais, seguiram seus filhos menores:

1 – Wanderley Vieira
2 – Dílson Vieira
3 – Lucia Vieira
4 – Ana Marinho
5 – Maria Cabral Marinho
6 – Ana Margarida Gueiros Freitas

7 – Alcary Simões Filho
8 – Cláudio Lysias Rabelo Gueiros
9 – Jedaias V. T. Gueiros Filho
10 – Sérgio Paulo Rabelo Gueiros
11 – Antonio Marcos, e muitos outros.

Muitos dos que abandonaram a Igreja Presbiteriana para seguirem atrás de Gedelti alardearam que a Igreja iria fechar suas portas porque metade dos membros estava saindo para a Igreja Cristã Presbiteriana, inclusive os mais "importantes" e os mais "ricos" e, com isto, a Igreja Presbiteriana não teria condições de subsistir.

Luiz Gonzaga de Almeida (33), em uma manhã de domingo, estava vindo de sua nova "Igreja", de bicicleta, e, ao passar em frente à Igreja Presbiteriana, por causa da chuva que começara a cair, procurou abrigo na marquise da Igreja e assim se expressou, comigo:

- Tenho fé em Deus que nunca mais hei de voltar para esta Igreja!

O tempo passou e, num belo dia de domingo, estava eu a lecionar na Escola Dominical, quando vi Luiz Gonzaga entrar no templo para assistir à Escola, nela permanecendo até o final da lição.

Ao término da Escola, cumprimentei-o e dei-lhe as boas vindas.

Nunca relembrei, com ele, suas palavras de não mais retornar à Igreja Presbiteriana e ele voltou a ser membro da Igreja, tendo pedido sua reintegração após três anos de seu retorno, no que foi atendido, nela permanecendo até o dia em que veio a falecer, tendo seu corpo sido velado no templo da Igreja.

Eu, agora, posso dizer:
- Graças a Deus, o Luiz Gonzaga voltou.

Muitos outros voltaram. Até o braço direito de Gedelti no

movimento separatista, que foi o Alcary Simões, ao final, se desentendeu com Gedelti e, anos depois, voltou a freqüentar a Igreja Presbiteriana de Vila Velha, até o seu falecimento há poucos anos.

Outro que veio para a Igreja Presbiteriana de Vila Velha foi o Sr. Delson Azevedo da Silveira, em 21.03.70, ocasião em que expôs ao Conselho as razões pelas quais estava deixando a Igreja Cristã Presbiteriana, hoje, Igreja Maranata: relatou que os métodos e bases doutrinárias daquela Igreja não eram aqueles que foram anunciados quando do surgimento daquela denominação, não concordando com as diretrizes que ali estavam sendo observadas.

APÓS O CISMA

Com a saída do pessoal ligado a Gedelti para formar a igreja hoje denominada "Maranata", a paz voltou a reinar na Igreja Presbiteriana de Vila Velha e, em 28.04.68, foram eleitos presbíteros os Srs. Ruy Carlos de Mattos Griffo, Joel Ribeiro Brinco e Aylton Gomes Pereira, em substituição àqueles que abandonaram a Igreja para constituírem a Igreja Cristã Presbiteriana, sendo ordenados em 02.06.68.

Como vimos, a razão dos membros da IPVV se dividirem entre partidários da família Gueiros e os contrários àquela família, foi a eleição do Rev. Sebastião em lugar do Rev. Jedaias para pastorear a Igreja.

Jedaias, como não podia deixar de ser, passou para a Igreja Cristã Presbiteriana, organizada por seu irmão Gedelti. Porém, por lá não ficou muito tempo.

Bacharel em Direito, fez concurso para Juiz de Direito e, em 1987, era Juiz de Menores em Vitória, quando o povo capixaba, através de reportagem no jornal "A Gazeta", do dia 25 de julho, sábado, tomou conhecimento de que ele fôra preso às 4 horas e 50 minutos da manhã do dia 24, numa operação conjunta da Polícia Federal e da Receita Federal do Paraná, realizada na Cidade de Medianeira, a cinqüenta quilômetros da divisa do Brasil com o Paraguai, conduzindo quinhentos mil cruzados de mercadorias contrabandeadas, sendo autuado em flagrante.

Dirigia um automóvel Escort com placas "frias", do Espírito Santo, como se estivesse a serviço do Poder Judiciário e, em sua companhia, estavam um advogado e duas mulheres. Foram recolhidos no Departamento de Polícia Federal de Foz do Iguaçu, no Paraná.

iniciado a operação às 22 horas do dia 23, quinta-feira, na Rodovia BR-277, que liga o Brasil ao Paraguai, conhecida como a "rota dos contrabandos" e, na madrugada do dia 24, sexta-feira, o Escort guiado pelo magistrado foi obrigado a parar no posto de Medianeira.

Aberto o porta-malas, entre as bagagens, estava o contrabando: três aparelhos de vídeo-cassete, uma filmadora, relógios, fitas de vídeo "virgens" e gravadas, além de bebidas, sendo os objetos apreendidos.

O juiz, o advogado e as mulheres foram conduzidos à Delegacia Fazendária da Polícia Federal e autuados em flagrante. As duas mulheres conseguiram comprovar que nada tinham com o caso e foram libertadas, porém o juiz e o advogado ficaram detidos.

À tarde, depois de comprovar que era juiz, Jedaias foi colocado em liberdade, baseado em um artigo da "Lei Orgânica da Magistratura Nacional".

Um agente da Polícia Federal contou que o Escort marrom escuro, dirigido pelo Juiz, estava com as placas "frias" e no seu interior havia outro jogo de placas "frias", ambas do Espírito Santo.

Todo o contrabando apreendido havia sido adquirido na Cidade de "Puerto Stroessner", hoje, "Ciudad Del Este", no Paraguai, na divisa com o Brasil.

O advogado que com ele viajava, de Vitória, continuou preso em Foz do Iguaçu, à disposição da Justiça do Paraná.

Julgado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, Jedaias foi afastado da magistratura capixaba, sendo o caso "abafado" e não mais noticiado nos jornais.

Antes deste episódio do Paraná, Jedaias já fôra denunciado pelo Promotor de Justiça da Vara de Menores de Vitória, Jeovah Miranda Ferreira, de estar facilitando o tráfico de bebês do Espírito Santo para os

Estados Unidos e a Europa, através de dois advogados, o que causou grande polêmica entre o Juizado de Menores e o Ministério Público.

Jedaias negou o tráfico de bebês, porém admitiu que havia três adoções em curso, inclusive que uma das crianças já se encontrava nos Estados Unidos e outra fôra enviada para a Itália.

O caso dos bebês foi abafado, mesmo tendo o Promotor requerido à Polícia Federal para apurar o tráfico.

Segundo o promotor, as crianças brasileiras eram comercializadas a dez mil e até vinte mil dólares.

Tal fato foi denunciado nos noticiários dos jornais e das televisões, sendo aberta uma sindicância pelo Corregedor Geral da Justiça, que não foi concluída.

E nem o será!

Tais fatos mostram que a Igreja Presbiteriana de Vila Velha agiu corretamente, sob a orientação do Espírito Santo de Deus, ao não eleger o Rev. Jedaias como seu Pastor, nas eleições de 1965.

RESÍDUOS DO CISMA

Entre os que permaneceram na Igreja restaram alguns membros ainda influenciados pelo "Movimento de Renovação Espiritual", como o Sr. Jairo Ribeiro Costa e sua esposa Nilza Silveira Costa, que, por isto, foram convidados a comparecerem ao Conselho, no dia 20.07.68, ocasião em que foram advertidos da impossibilidade de, como membros da Igreja Presbiteriana, adotarem doutrinas peculiares à renovação, sendo recomendados a refletirem sobre o assunto.

Jairo, em 22.02.69, organizou um ponto de pregação em sua residência, no Bairro Soteco, iniciando uma Escola Dominical, tendo se auto-nomeado Superintendente da Escola, tendo o Conselho consentido com tal situação!

Em 15.02.70 foi ele eleito diácono na Igreja, sendo investido no cargo em 22.03.70.

Em 05.05.72, Jairo "doou" um lote à Igreja, situado em Soteco, ao lado de sua residência, mas não chegou a oficializar tal doação.

No lote, a Igreja ajudou Jairo a construir um pequeno templo, onde a "congregação" passou a funcionar.

Era tudo o que o Jairo queria!

Passou a contrariar as diretrizes do Conselho; fechou a congregação localizada no terreno ao lado de sua casa, dizendo que o imóvel era de sua propriedade, e transferiu, sem autorização do Conselho, os bancos da Congregação de Soteco para a Congregação de Cruz do Campo, declarando que estava a organizar um movimento cismático na comunidade!

O Rev. Guilherme A. M. Breder era o pastor da Igreja quando tais fatos aconteceram.

Tal fato foi denunciado ao Conselho pelos presbíteros Leôncio Antonio Medeiros e Wilson Barbosa dos Santos: o diácono Jairo retirara os móveis da Congregação de Soteco, impedindo o funcionamento daquela congregação e passando a visitar os lares de alguns membros da Igreja, convidando-os a participar de seu movimento, separando-se da Igreja Presbiteriana de Vila Velha.

Convidado a comparecer ao Conselho, Jairo ignorou o convite, e o Conselho decidiu aplicar-lhe a pena de **deposição de seu ofício de diácono e sua exclusão da comunhão da igreja**, considerando sua experiência religiosa e seu relativo conhecimento das doutrinas evangélicas, sua má-influência no meio evangélico e o fato de ter sido advertido e admoestado por várias vezes , não tendo procurado entender-se com as autoridades da Igreja, passando a ausentar-se da comunidade e a participar de atividades ligadas ao movimento renovacionista, que tantos transtornos vinham causando à Igreja Presbiteriana do Brasil. Considerando, também, sua arrogância e indisciplina ao afirmar que não mais voltaria ao Conselho quando convocado.

A pena foi comunicada ao faltoso e à Igreja, recomendando-se aos membros da Igreja para que não freqüentassem os trabalhospromovidos pelo movimento cismático por ele encabeçado.

Aduel Agnelo Correia, Arlindo Cândido Dias, Antonio Delgado, Lourival Marques da Costa e Nilza da Silveira Costa, acompanhados por seus familiares, seguiram Jairo em seu movimento separatista, sendo excluídos do rol de membros da Igreja Presbiteriana de Vila Velha.

CONGREGAÇÃO DE CRUZ DO CAMPO

A igreja fundada por Gedelti se assenhoreou das instalações da Congregação de Cruz do Campo, à revelia da Igreja Presbiteriana de Vila Velha e, mais tarde, a Igreja reabriu um ponto de pregação na residência do Sr. Manoel Fernandes e sua esposa Sra. Deolinda Fernandes, com o auxílio dos presbíteros Manoel Gomes Pereira, Amadeu de Oliveira Nascimento e Leôncio Antonio Medeiros e a colaboração dos Srs. Adaías Heringer e Luiz Gonzaga de Almeida. As Sras. Maria Matias e Judith Cunha eram responsáveis pelo trabalho com as crianças.

Em 16.08.70, a Igreja decidiu adquirir um terreno nas proximidades do Ginásio Estadual de Vila Velha onde, em 11.04.77, reabriu a Congregação de Cruz do Campo, sob a direção da Junta Diaconal.

Ali foram organizadas a UPH – União Presbiteriana de Homens, em 04.03.84; a Liga Juvenil, em 05.05.85; a UMP – União da Mocidade Presbiteriana, em 01.02.86 e a UPA – União Presbiteriana de Adolescentes, em 19.10.88.

Em 08.03.93 o Rev. Nehemias Leonor aceitou convite para ajudar pastoralmente a Congregação que, em 24.02.94, foi organizada em Igreja sob a denominação de Igreja Presbiteriana Nova Jerusalém, com 40 adultos e 14 crianças.

CONGREGAÇÃO DE ATAÍDE

Surgiu em 1958, como um ponto de pregação sob a supervisão do presbítero Ovídio Beiriz de Matos, um dos pioneiros do trabalho presbiteriano em Vila Velha.

Quando, em 1948, minha família passou a freqüentar a Congregação Presbiteriana de Vila Velha, já encontrou o presbítero Ovídio trabalhando na divulgação do evangelho na Cidade.

No início, as reuniões eram realizadas na residência do Sr. Onias de Freitas, um comerciante do bairro, proprietário de uma padaria, com a presença da UMP da Igreja que, nas tardes de domingo, ali comparecia através do "Conjunto da Mocidade", regido pelo excelente e saudoso maestro Sr. Emiliano Cardoso.

É importante registrar que o Sr. Emiliano não era membro da Igreja Presbiteriana e, sim, da Igreja Adventista do 7° Dia, sendo oficial reformado da Polícia Militar onde foi, durante muitos anos o Regente da Banda daquela Corporação.

Sua esposa, Sra. Rosa Peniche é quem pertencia à Igreja e, através dela, o Sr. Emiliano fez amizade com os membros da Igreja, tendo proposto organizar um coral de adultos, com a única condição de não precisar regê-lo nas noites de sexta-feira e dias de sábado, porque, nesses dias, tinha compromissos com sua Igreja.

Consolidado o coral adulto, o Sr. Emiliano propôs aos jovens formar um segundo coral, o que logo foi aceito pelos mesmos, surgindo, então, o "Conjunto da Mocidade", onde sobressaíam as vozes dos filhos do presbítero Amadeu e Sra. Astrogilda: o Neemias, o Ataías, o Adiel, a

Eunice e a Rute, que, até hoje, com exceção do Ataías, que se mudou para outro Estado, fazem parte do atual coro da igreja.

Enquanto teve saúde, o Sr. Emiliano sempre esteve à frente dos dois corais por ele organizados, tendo deixado muitas saudades entre os membros da Igreja em virtude de seu falecimento.

Sua esposa, Sra. Rosa Peniche, faleceu em 1967 e, em sua homenagem, um dos Departamentos da Sociedade Auxiliadora Feminina recebeu o seu nome.

Em 1958, o ponto de pregação foi transformado em Congregação, permanecendo o presbítero Ovídio à frente da mesma, com a importante colaboração das famílias Coelho e do Sr. Manoel Furtado.

Com a organização da Igreja Presbiteriana do Ataíde, fruto de seu trabalho, ele resolveu pedir sua carta de transferência para a nova Igreja, depois de muitos anos de trabalho profícuo na Igreja Presbiteriana de Vila Velha.

Em 10.10.70, o Sr. Antonio Furtado, um dos membros mais antigos e queridos da Igreja, desde o tempo da Congregação, também solicitou sua transferência para a Igreja Presbiteriana do Ataíde porque, ficando aquela Igreja mais próxima de sua residência, seria facilitada sua freqüência aos cultos.

CONGREGAÇÃO DA GLÓRIA

Começou com um ponto de pregação na casa de meu pai, Sr. Aníbal Brinco Filho, à Rua Santa Terezinha, no Bairro da Glória, lá pelos anos de 1957/1958, sendo as reuniões realizadas nas tardes de domingo.

As reuniões eram muito concorridas, sendo freqüentadas pela família do Sr. Sebastião Bernardes Vale, membro da Igreja Congregacional, em virtude da inexistência de um trabalho daquela igreja no Município. Mais tarde, foi iniciado o trabalho congregacional na residência do Sr. Sebastião, dando origem à organização daquela Igreja no Bairro Soteco.

Com o crescimento do número de freqüentadores, a Igreja adquiriu um imóvel à Rua São Pedro, na Glória, cuja residência foi adaptada para que a Congregação fosse organizada e ali passasse a funcionar.

Nos anos de 1966 e 1967, a Congregação sofreu as investidas do movimento de renovação espiritual capitaneado por Gedelti Gueiros.

Era Superintendente da Escola Dominical o Sr. João Pinto Lobo, simpatizante daquele "movimento", que recebia o reforço de outras pessoas, dentre as quais o Sr. Waldemar Fernandes Bourguignon, um ótimo violonista, que passava todo o tempo a dedilhar as cordas de seu violão, atrapalhando os cultos e as lições da Escola Dominical, quando os oradores não pertenciam ao "tal" movimento, até ser admoestado por mim, que passei a dar aulas na Escola Dominical, por algum tempo, para impedir o avanço dos "renovadores", tendo conseguido êxito no meu intento.

Em 1971, o presbítero Wilson Barbosa dos Santos foi nomeado, pelo Conselho da Igreja, Superintendente da Escola Dominical da Congregação, tendo realizado um excelente trabalho de evangelização, que se propagou pelos bairros vizinhos, a saber:

Santa Inês, na residência do Sr. Lucimar de Brito;
Santa Mônica, na residência do Sr. Itamar de Brito;
Aero Clube da Glória, na residência do Sr. João de Brito;
Boa Vista, na residência do Sr. Astrogildo da Silva;
Jaburuna, na residência de Eurides Oliveira;
Soteco, na residência do Sr. Claudionor da Silveira;
Glória, na residência do Sr. José Vicente Felisberto;
Soteco, na residência do Sr. Geraldo Silva.

Em 05.05.71, depois do "cisma" que deu origem à Igreja Maranata, foi comprado o terreno definitivo para a construção do templo da Igreja, cujas obras foram aprovadas em 12.10.72.

Um mês depois, 19.11.72, foi autorizada a alienação do imóvel da Rua São Pedro, onde funcionava a Congregação e, em 06.01.73, foi designada uma Comissão Especial para a construção do templo, com os seguintes componentes: presbítero Manoel Gomes Pereira, diácono José Felisberto Vicente Ferreira e diácono Jairo Ribeiro Costa, que veio a ser substituído pelo Sr. Genésio Neves Cunha.

O pastor da Igreja, nessa ocasião, era o Rev. Guilherme Breder.

Em 01.07.73, foi celebrado um culto especial do lançamento da pedra fundamental do futuro templo da Igreja, templo esse que foi inaugurado em 08.12.74, num culto solene dirigido pelo Rev. Rafael Leonor.

Em 27.12.76, o Conselho requereu ao PCES – Presbitério Central do Espírito Santo, autorização para organizar a Igreja Presbiteriana da Glória, transferindo, em 07.03.77, 65 adultos e 50 menores para o rol de membros da igreja recém organizada.

CONGREGAÇÃO PRESBITERIANA DO IBES

O trabalho teve início na residência do Sr. Manoel Reis, que funcionava como ponto de pregação e de Escola Dominical, tendo sido designado o Sr. Constantino Reich seu primeiro superintendente, auxiliado pelo Sr. José de Souza Neto, que foi um grande colaborador na Congregação.

De 1962 a 1964 o trabalho foi supervisionado pelo presbítero Jaques Ribeiro Júnior e, em março de 1967, a congregação foi organizada em Igreja, sob a coordenação do presbítero Annibal Brinco Filho.

CONGREGAÇÃO DE BARRA DO JUCÚ

A Congregação teve início com um ponto de pregação iniciado na residência da Sra. Maria Clara Ribeiro Costa, conhecida como "Dona Clarita", em fevereiro de 1967.

Em abril de 1968 foi adquirido um lote com uma pequena casa, no centro da Vila, por um mil e quinhentos cruzeiros novos e, no mês seguinte, a Congregação foi organizada pelo Rev. Sebastião B. dos Passos, ficando o presbítero Jaques Ribeiro Junior, irmão de "Dona Clarita", responsável pela mesma.

Barra do Jucú é um bairro situado à beira-mar, a cerca de doze quilômetros do centro de Vila Velha, que o progresso, até aquela época, parecia desconhecer; tanto que a energia elétrica só foi instalada na congregação em fevereiro de 1972.

E o evangelho, naquele lugar, não conseguia prosperar. Os habitantes do local não eram receptivos à pregação do evangelho, imperando ali o catolicismo e terreiros de umbanda, sendo famosa uma "banda de congo" do lugar, e suas comemorações carnavalescas.

Em janeiro de 1976 o presbítero Aníbal Brinco Filho passou a residir no local e a auxiliar na Congregação.

É interessante registrar que os naturais do lugar, em geral pessoas que, na época, eram de baixo poder aquisitivo, apesar de serem hostis ao evangelho, em novembro de 1979, sem serem membros da Congregação e não freqüentarem os trabalhos da Escola Dominical, ao tomarem

conhecimento de que, no mês seguinte, dezembro, iriam ser distribuídas cestas de natal aos freqüentadores da Escola, procuraram se habilitar às cestas, visando, tão somente ao recebimento daquele donativo.

A partir de 18 de janeiro de 1981, o presbítero Leôncio Antônio Medeiros e sua filha Miriam Ângela de Medeiros se responsabilizaram pela Congregação e, em abril daquele ano foi autorizada a construção do templo, sendo lançada sua pedra fundamental no dia 18 de abril de 1982, pelo Rev. Jaques Aníbal Ribeiro Brinco, pastor da Igreja.

O templo da Congregação foi consagrado em 1° de agosto de 1982, pelo Rev. Jaques.

Em 14 de dezembro de 1991, a Igreja Presbiteriana de Vila Velha requereu ao Presbitério de Vila Velha a organização da Congregação em Igreja, o que foi aprovado em 16 de janeiro do ano seguinte, sendo designado pastor efetivo da Igreja Presbiteriana da Barra de Jucú o Rev. Paulo César Martins.

No dia 3 de fevereiro de 1992 foram transferidos para a nova Igreja 42 membros comungantes e 17 não-comungantes.

Desde o início do ponto de pregação na residência de "Dona Clarita", até a organização da Congregação em Igreja, passaram vinte e cinco anos!

IGREJA PRESBITERIANA UNIDA
E
REV GUILHERME A. M. BREDER

Lembro-me de quando meu pai, presbítero Anníbal Brinco Filho, chegou em casa e, todo satisfeito, anunciou que a Igreja tinha dois novos seminaristas, aprovados pelo Conselho: Guilherme A. M. Breder e Enoelmo Farias Albuquerque!

Na mesma hora, retruquei:

- Como?

- Enoelmo, embora resida em frente da Igreja, do outro lado da rua, raras vezes a freqüenta e, quando o faz, só faz depreciar as pregações dos oradores. Além disso, tem os dentes amarelados pelo uso contínuo do cigarro!

- E o Guilherme? Formou-se em agronomia, aderiu ao comunismo e, com a Revolução de 1964, foi demitido da chefia do INCRA no Espírito Santo.

- Não acredito em suas vocações pastorais. Vão mal profissionalmente e desejam sobreviver como pastores!

- Se eu fosse membro do Conselho, com certeza, colocaria obstáculos a essa aprovação.

O tempo me daria razão.

Nenhum deles, depois de formados, ficou muito tempo como pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Mas, vamos ao caso do Guilherme:

.....

O Rev. Sebastião B. dos Passos recebe e aceita convite para pastorear a Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo, em São Paulo e, assim, em 10.10.70, o Rev. Guilherme Breder registra sua candidatura às eleições de Pastor na Igreja, para o triênio 1971/1973, sendo designado Pastor Evangelista pelo PVTR – Presbitério de Vitória, até junho de 1973.

Começou bem o seu pastorado e foi sob sua liderança que foi construído o templo da Igreja Presbiteriana da Glória.

Solteiro, exerceu grande influência junto à mocidade da Igreja.

Mas, em 1974, aderiu a um movimento rebelde, liderado pelo Presbitério de Vitória, que era contra a reeleição do Rev. Boanerges Ribeiro na Presidência do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

O presbítero Cephas Rodrigues Siqueira era o Presidente do Presbitério e um dos líderes da rebelião.

Com ele estavam Wellste Guida, pastor da Igreja Presbiteriana de Maruípe, Eduardo Ramos Coelho, pastor da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória, e outros, inclusive o Rev. Guilherme Breder.

O Rev. Boanerges se reelege e o Presbitério de Vitória resolve separar-se da Igreja Presbiteriana do Brasil, fundando uma nova denominação.

O Presbitério começa a visitar as Igrejas de sua jurisdição pregando a separação e, na Igreja de Vila Velha, não é bem recebido, não tendo oportunidade de falar à Igreja.

O Conselho da Igreja resolve pressionar o Rev. Guilherme: ou

ele fica na Igreja Presbiteriana do Brasil, pastoreando a Igreja de Vila Velha, ou toma outro rumo, com os membros do Presbitério.

A pressão do Conselho sobre o Pastor, para que ele se defina quanto à sua posição, aumenta a cada dia, permanecendo ele calado até que, em 13.10.74, o Conselho recebe correspondência da Comissão Executiva do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, comunicando estar a Igreja de Vila Velha, e outras, do Presbitério de Vitória, sob a jurisdição do Presbitério de Belo Horizonte, a partir do dia 05.10.74.

Essa correspondência foi apresentada ao Conselho pelo presbítero Leôncio, deixando o pastor transtornado. Ele se recusa a receber oficialmente a correspondência, dizendo não poder aceitá-la oficialmente, por ser assunto da alçada do Presbitério (PVTR), pedindo o encerramento da reunião do Conselho, convocando-o para reunir-se uma semana depois, no dia 20.10.74, ocasião na qual ofereceria as instruções que iria receber do PVTR sobre o assunto.

O Conselho resolve não atender às ponderações de Breder em virtude de se considerar, a partir de então, sob a jurisdição do Presbitério de Belo Horizonte, não sendo obrigado a ouvir o PVTR sobre o assunto em pauta, passando a acatar a Resolução da Comissão Executiva do Supremo Concílio, por maioria de votos, tendo votado a favor da Resolução os presbíteros Joel Ribeiro Brinco, Arcebino Breder, Jaques Ribeiro Junior, Wilson Barbosa dos Santos, Lincoln de Paula e Leôncio Antonio Medeiros, votando contra, os presbíteros José Carone Neto e Joel Aguiar dos Santos.

O Conselho dá ao pastor o prazo de sete dias para se definir quanto à sua posição.

Sob protesto, Breder se retira da reunião dizendo ser ilegal a tramitação do documento e a decisão do Conselho.

Com a ausência do vice-presidente do Conselho, presbítero Manoel Gomes Pereira, o secretário, presbítero Joel Ribeiro Brinco,

assume a direção da reunião.

Na reunião seguinte, realizada no dia 20.10.74, deixou de comparecer o presbítero Arcebino Breder, e o Pastor decide confirmar ilegal a decisão do Conselho de não mais se submeter ao Presbitério de Vitória, que se rebelara contra a Igreja Presbiteriana do Brasil, dizendo deixar sob a responsabilidade dos integrantes do Conselho a determinação de terem optado de forma a ferir o sistema presbiteriano e que comunicará tal fato ao PVTR.

Dizendo-se continuar à disposição da Igreja para prestar-lhe os serviços pastorais, abandona a reunião.

Em 01.12.74, por discordarem com a decisão do Conselho em permanecer desvinculado do PVTR, o presbítero José Carone Neto retira-se da reunião do Conselho, acompanhado pelo presbítero Joel Aguiar dos Santos.

A Igreja fica sem pastor e todos os trabalhos ficam sob a responsabilidade do Conselho, sob a direção do presbítero Joel Ribeiro Brinco.

Por causa do afastamento de Breder, Joel Aguiar dos Santos renuncia à presidência da UMP e o vice-presidente recusa assumir o cargo, procedendo-se a uma nova eleição na União da Mocidade da Igreja.

Breder, afastado pelo Conselho do pastorado da Igreja, não mais pregando, orando ou dirigindo qualquer trabalho, continua a freqüentar os trabalhos da Igreja, como mero espectador, procurando induzir os membros da comunidade, em especial a mocidade da Igreja, a reconduzi-lo ao cargo de pastor.

Assim, após o culto da noite de um domingo, a UMP, por ele orientada, pede satisfações ao Conselho, dizendo não concordar com a saída de Breder.

O Conselho, representado pelo presbítero Joel Ribeiro Brinco,

esclarece à UMP e à Igreja as razões pelas quais Breder fôra afastado. Nessa reunião estavam presentes pessoas estranhas à Igreja, inclusive outro "pastor", de nome Manoel Coelho, que a convite de Breder, ali estavam a fim de tumultuar a reunião, induzindo a mocidade contra o Conselho.

O presbítero Joel, agindo energicamente, fez com que tais pessoas, inclusive o tal "pastor" e sua esposa, Miriam, se calassem e se retirassem.

Num domingo, pela manhã, o pastor da Igreja Presbiteriana de Paul procurou o presbítero Joel em sua residência, pedindo auxílio, pois o PVTR marcara reunião com o Conselho de sua Igreja, para aquela noite, antes do culto, ocasião em que forçaria a Igreja a deixar a Igreja Presbiteriana do Brasil, passando para a Igreja Presbiteriana Unida – IPU, a nova denominação criada por aquele Presbitério.

Lá chegando, o presbítero Joel encontrou uma Igreja em polvorosa, dividida entre continuar na IPB ou seguir o PVTR, filiando-se à IPU – Igreja Presbiteriana Unida.

Enquanto isso o PVTR estava reunido no pavilhão da Igreja, com o Conselho e o Pastor, atrasando o início do culto, fazendo pressão sobre o Conselho para que a Igreja abandonasse a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Cephas Rodrigues Siqueira, presidente do PVTR, ficou indignado com a intromissão do presbítero Joel e, num rompante, perguntou:

- Você sabe com quem está falando?

E o presbítero Joel retrucou:

- Sei. Você é quem não sabe quem sou eu. Mas eu vou te esclarecer:

- Você é presbítero, e eu também sou.

- Você é professor universitário. Eu também sou.

- Você é "doutor" uma vez. Eu sou duas vezes.

- Então vamos acabar com esta reunião, que os crentes estão no templo, esperando o início do culto, ou eu vou virar a mesa neste instante.

- Vamos logo.

A reunião do PVTR com o Conselho acabou na mesma hora e os membros do Conselho e do PVTR, estes furiosos, se dirigiram ao templo.

O PVTR, despoticamente, assumiu a direção do culto, deixando o Pastor fora do púlpito.

E, imaginem quem iria dirigir o culto na Igreja Presbiteriana de Paul, naquela noite?

Ele mesmo! O Rev. Guilherme Breder!

A Igreja estava lotada.

Cephas, no púlpito, dirigindo o culto, anuncia que o orador da noite seria o Rev. Breder, pastor da Igreja Presbiteriana de Vila Velha.

No mesmo instante, o presbítero Joel anuncia a todos os presentes que Breder não mais pertencia à Igreja Presbiteriana de Vila Velha, tendo sido dela excluído, não podendo mais ser anunciado como pastor daquela Igreja. Poderia pregar em qualquer lugar, sob qualquer pretexto, mas não dizendo representar a Igreja Presbiteriana de Vila Velha.

Breder retruca dizendo continuar sendo pastor da IPVV e que o presbítero Joel, presente no local, estava possuído pelo "diabo" e que

naquele momento iria orar pedindo a Deus que afastasse o "diabo" daquele culto.

O presbítero Joel replicou que, de fato, o diabo ali estava presente, porém, no púlpito, na pessoa de Breder e do pessoal do PVTR.

Breder insiste em pregar e o presbítero Joel e o pastor da Igreja incitam os presentes a cantarem hinos, sendo seguidos por metade da Igreja, impedindo que a outra metade ouvisse o sermão de Breder.

Logo, logo, Breder se cala, encerrando o culto.

O murmurinho se formou na Igreja, com a ala favorável ao PVTR ameaçando os demais crentes, ala essa capitaneada pela Sra. Diognésia Ramos de Souza, irmã do pastor Eduardo Ramos Coelho, que se bandeara para a IPU - Igreja Presbiteriana Unida.

Diognésia, junto a seu marido Octávio Henriques de Souza, e de Davi Fernandes Alves, ameaçavam e xingavam a tudo e a todos, sem coragem de chegar às vias de fato.

Enfim, a Igreja foi fechada e todos foram para casa.

Na quinta-feira seguinte, o PVTR voltou à Igreja de Paul, tendo à frente Wellste Guida que, além de pastor da Igreja Presbiteriana de Maruípe, que se filiara à IPU, era assessor parlamentar na Assembléia Legislativa.

Wellste Guida levou consigo alguns policiais para intimidar os membros fiéis à Igreja Presbiteriana do Brasil e ameaçou de prisão qualquer um que perturbasse sua falação.

Levantou-se um membro da Igreja, oficial militar reformado, que disse ali estar para impedir os excessos praticados pelo PVTR e que queria ver quem teria coragem de lhe encostar a mão ou de prender qualquer pessoa ali presente e que era melhor que Wellste Guida fosse embora para casa e não mais voltasse à Igreja de Paul, deixando todos em sossego.

Wellste, amedrontado, nunca mais voltou à Igreja Presbiteriana de Paul e o PVTR deixou aquela Igreja sossegada.

O PVTR, ao organizar a Igreja Presbiteriana Unida – IPU, assenhoreou-se dos templos da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória, localizada à Rua Sete de Setembro, da Igreja Presbiteriana de Maruipe, do Ibes e do Ataíde.

Breder foi designado pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Ibes, sendo seguido pela família de José Carone Neto.

Na igreja do Ibes, buscou influenciar a mocidade a seguir suas idéias comunistas, que eram pregadas abertamente na classe da mocidade, na Escola Dominical, no lugar das doutrinas bíblicas.

José Carone Neto que, por amizade, o seguira até aquela Igreja, ao ver tal situação, procurou demover Breder de seu intento, acabando por afastá-lo da direção daquela classe e, depois, da Igreja.

Carone diz ter sido Deus que o levou a seguir Breder para impedi-lo de criar uma célula comunista dentro da Igreja do Ibes.

Em 08.12.80, a esposa de Carone, Isabel Minassa Carone, voltou para a Igreja Presbiteriana de Vila Velha sendo seguida, logo depois, por seu marido, que exerce, mais uma vez, o cargo de presbítero e é um excelente professor na Escola Dominical.

Após sua saída da Igreja Presbiteriana do Brasil, Breder se filiou ao Partido Democrático dos Trabalhadores – PDT, liderado por Leonel Brizola, tendo se candidatado ao cargo de Senador da República, pelo Estado do Espírito Santo, não sendo eleito.

Criava galinhas no Município de Domingos Martins, onde possuía uma ou duas granjas, negócio que acabou falindo.

Tendo optado pela homossexualidade, foi acometido de AIDS, tendo morrido, sozinho, num quarto de hospital.

APÓS BREDER

A Igreja passou a ser dirigida pelos presbíteros que convidavam pastores de outras igrejas para celebrarem a Santa Ceia e a dirigirem as reuniões do Conselho. O vice-presidente do Conselho, presbítero Manoel Gomes Pereira, e, na sua ausência, o secretário, presbítero Joel Ribeiro Brinco, passaram a ser os coordenadores dos trabalhos na Igreja, sendo assistidos pelos Revs. Rafael Leonor, Francisco da Silva Neto, José Francisco de Jesus Filho e Milton Leitão, que retornara da Igreja Maranata.

Uma "sociedade civil" de Vitória, cuja sigla escondia os membros da Igreja Presbiteriana Unida, do Presbitério de Vitória, acionou a Igreja acusando-a de restringir a liberdade de culto. Esse processo não foi adiante.

Em 22.01.76, a Igreja foi arrolada no Presbitério de Belo Horizonte – PBHZ, ocasião em que foi comunicada , oficialmente, da reintegração do Rev. Milton Leitão à Igreja Presbiteriana do Brasil e, dois dias depois, foi ele designado para pastorear as Igrejas Presbiterianas de Vila Velha, Itacibá e Paul.

Em 31.10.76, foi organizado o Presbitério Central do Espírito Santo – PCES, em reunião do Sínodo de Belo Horizonte, ocorrida na Igreja Presbiteriana de Vila Velha, sendo formado pelas Igrejas de Vila Velha, Cobilândia, Paul, Itacibá, Ilha do Príncipe, Jardim América, Andorinhas, Afonso Cláudio e Primeira e Segunda Igrejas de Vitória, ficando assim constituído:

Presidente:.....Rev. Francisco da Silva Neto;
Vice-Presidente.....Presb. Hermes Peyneau;
1° Secretário.....Rev. Sebastião Milton

2° Secretário.....Presb. Levi Freire de Abreu
Secretário Executivo..Presb. Vilson Machado
Tesoureiro.....Presb. Lincoln de Paula

Em 16.05.77, vindos da Igreja Presbiteriana de Ipanema, MG, chegam à Igreja o presbítero Obed Ribeiro e sua esposa, Aylca Cândido Bacelar Ribeiro.

Em 15.08.77, o Rev. Milton comunica à Igreja seu desejo de nela não continuar no ano seguinte e, em 29.01.78, toma assento como pastor o Rev. Francisco da Silva Neto.

Em 30.05.78 foi registrado o falecimento do presbítero Manoel Gomes Pereira.

NOTÍCIAS ESPARSAS

Em 18.01.81, o Rev. Jaques Aníbal Ribeiro Brinco toma assento no Conselho, como pastor da Igreja.

Era vice-presidente do Conselho o presbítero Joel Ribeiro Brinco, seu irmão, que renuncia ao cargo em 01.02.81, por achar não ser saudável que o presidente e o vice-presidente fossem da mesma família.

Em 05.04.81 o presbítero Aníbal Brinco Filho, pai do pastor Jaques, renuncia às suas funções no Conselho por sentir-se ofendido com insinuações partidas do presbítero Lincoln de Paula, no sentido de que "os Brinco" queriam mandar na Igreja.

No final do ano, em 22.11.81, o Rev. Jaques é eleito para pastorear a Igreja por dois anos, 1982 e 1983, contrariando a pretensão de uns poucos membros da Igreja que não o queriam como pastor, como, por exemplo, a Sra. Nelcy Assis do Carmo Pereira que reclamava ter concorrido um só candidato nas eleições, e a Sra. Marta Medeiros de Freitas que, indignada, disse à Assembléia da Igreja, ao final da eleição, intempestivamente e sem razão: "a Igreja assuma o Pastor que escolheu, com todas as suas atitudes"! (sic).

Em 02.01.82, a Igreja resolve reformar o templo, construindo mais dois pavimentos e o pastor oferece sua casa, à Av. Champagnat, para que a Igreja ali se reúna em sua ampla garagem, durante a reforma do templo.

A Secretaria de Estado da Educação cede as dependências do Grupo Escolar "Vasco Coutinho" para que a Igreja ali se reúna dominicalmente em Escola Dominical durante os anos de 1982 e 1983, em virtude da reforma do templo.

Em 17.12.83, o presbítero Wilson Barbosa dos Santos recebe o título de "Presbítero Emérito". Notabilizou-se como Tesoureiro da Igreja no período de 1970 a 1984, e como Superintendente da Escola Dominical onde, nas datas festivas, sempre lia poesias por ele mesmo escritas.

Em 15.05.84 faleceu o presbítero Aníbal Brinco Filho, membro fundador da Igreja e laborioso trabalhador nas congregações, tendo representado a Igreja, por muitas vezes, nas reuniões do Presbitério.

Em 05.07.85 foi criado o Presbitério de Vila Velha, sendo instalado em 07.01.86.

Em dezembro de 1985 o Pastor Isaías Moreira da Silva é indicado pelo Presbitério para pastorear a Igreja.

Em 19.07.86 cessam as funções do presbítero Joel Ribeiro Brinco no Conselho e, em 28.9.86, o Rev. José Vicente de Lima Filho é eleito pastor da Igreja para o biênio 87/88, tomando posse em 07.02.87.

Em 22.02.88, Claudenícia da Piedade se credencia a fazer o Curso de Missionária no IBEL – Instituto Bíblico Eduardo Lane, em Patrocínio- MG e, a partir de 06.08.90 é aproveitada como missionária na Igreja até que, em 13.10.97, expressa seu desejo de atuar na Escócia, onde permanece até hoje.

Em 19.11.88 o Rev. Lima é reeleito pastor da Igreja por três anos: 89/91.

Em setembro de 1990, a Sra. Diognésia Ramos de Souza, a mesma senhora que freqüentava a Igreja Presbiteriana de Paul e que lá participara da confusão promovida pelo Presbitério de Vitória e pelo Rev. Guilherme Breder, com vistas a forçarem aquela Igreja a abandonar a Igreja Presbiteriana do Brasil, bandeando-se para a Igreja Presbiteriana Unida, acompanhada pelo marido, Sr. Octávio Henriques de Souza, e do filho Sérgio Paulo Ramos de Souza, solicitam arrolamento, por jurisdição a pedido, vindos da Igreja Presbiteriana Unida do Bairro da Penha, em Vitória.

A Igreja, sem qualquer precaução, face aos antecedentes pouco recomendáveis do casal, os recebe e, pior (!), são designados professores da classe de adultos, na Escola Dominical, até que, em 11.05.92, são substituídos na classe por estarem passando ensinamentos não condizentes com as doutrinas presbiterianas.

Inconformados, peitam o pastor e o Conselho de Ensino da Escola Dominical e, em 17.08.92, pedem desligamento da Igreja, no que são prontamente atendidos.

Ao saírem da Igreja, fundam uma outra Igreja para si, na Av. Champagnat, na Praia da Costa e, por não terem sucesso no seu intento, abandonam o empreendimento.

Em 01.12.2000, Octávio e Diognésia voltam a ser arrolados como membros da Igreja Presbiteriana de Vila Velha

Em 04.11.90 é registrado o falecimento do presbítero Leôncio Antônio Medeiros.

Em 29.05.91 o Rev. Honório Theodoro Neto é convidado pelo Conselho para assumir o pastorado da Igreja no exercício de 1992, em substituição ao Rev. Lima, que irá pastorear a Igreja Presbiteriana de Ponta Grossa, no Estado do Paraná.

Assim, em 12.01.92 o pastor Honório é empossado pelo Presbitério de Vila Velha - PRVV, como pastor da Igreja, sendo eleito, em 30.08.92, pastor por cinco anos.

Em 14.12.91 é contratada a missionária Neuza Fraga Lima para coordenar o Departamento de Educação Infantil.

Em 16.05.93 é oficializado o atual nome da Igreja: 1ª Igreja Presbiteriana em Vila Velha.

Em 1996 é contratada como missionária a Srta. Ariany Karla Guimarães Rios.

Em 02.09.96 o Rev. Honório pediu seu desligamento a partir de 01.01.97 e o Rev. Lima, que retornara do Paraná, é indicado para sucedê-lo.

Em 07.12.96 o Rev. Honório se despede da Igreja informando estar indo pastorear a Igreja Presbiteriana de Ponta Grossa – PR.

Em 16.12.96 o Rev. Flávio Eduardo Heringer é convidado para ser Pastor Auxiliar da Igreja no ano de 1997.

Em 17.08.98 o Rev. José Vicente de Lima Filho é eleito pastor para o triênio 1998/2000.

Em 03.08.98 os Revs. Flávio Eduardo Heringer e José Mário Gonçalves são indicados Pastores Auxiliares para 1999. O Ver. Flávio auxilia na Congregação de Jaburuna; o Ver. José Mário no trabalho com jovens, adolescentes e grupos familiares, e a missionária Ariany, fica responsável pelo Departamento Infantil.

Em 17.12.98, Deivson Vieira Torres candidata-e ao ministério e, em 05.03.99, José Carone Neto retorna à Igreja, sendo arrolado por jurisdição "ex officio".

Em 06.08.99, a missionária Ariany informa que irá casar-se em 08.01.2000 e que, como irá residir em outro Estado, não poderá continuar prestando seus serviços na Igreja de Vila Velha.

Em 04.02.2000 o Rev. Eli do Prado Vieira é nomeado Pastor Auxiliar e em setembro do mesmo ano o Rev. Lima é reeleito pastor por três anos : 2001/2003.

Em dezembro de 2000 a Igreja estava com seis pastores:

José Vicente de Lima Filho, pastor titular;
José Mário Gonçalves,
Flávio Eduardo Heringer,
Samuel Gabriel de Souza,
Eli do Prado Vieira e

Valdênio Marcos da Costa Gomes, pastores auxiliares.

Com quatro congregações:

Ulisses Guimarães, Jaburuna, Praia da Costa e Memorial.

E, ainda:

Dois pontos de pregação;
Dois missionários;
Três candidatos ao ministério;
Dezoito presbíteros;
Dezessete diáconos;
506 membros comungantes;
151 membros não comungantes.

OUTRAS CONGREGAÇÕES

CONGREGAÇÃO DE ITAPARICA

Começou em 19.10.88, com um ponto de pregação na residência da Sra. Nazia Franco Cardoso, à Rua 17 e, em 22.04.89, já se falava da necessidade de se construir um templo para instalação da nova Congregação.

Em 25.09.89, Ralph Simões Espíndula doou um terreno para a construção de um templo para a futura Igreja de Itaparica, construção que teve início em 06.08.90.

Em 14.12.91 o Conselho requereu ao Presbitério de Vila Velha a organização da Congregação em Igreja, o que foi deferido, tendo sido para ela transferidos, em 03.02.92, 41 membros adultos e 12 menores.

CONGREGAÇÃO DE ULISSES GUIMARÃES

Em 27.12.92 foi criado o ponto de pregação em Terra Vermelha, sob os cuidados do presbítero Sebastião Serrano.

Em 21.04.96, o Sr. Jaci Pereira doou um terreno na Ilha da Jussara, no Bairro Ulisses Guimarães, para que ali se construísse o templo,

o que começou a ser feito em 22.09.98.

Em 02.10.98, o presbítero Samuel Gabriel de Souza era o responsável pela Congregação e, em 28.02.99, candidata-se ao ministério.

Hoje, a Congregação está sob a responsabilidade do presbítero e seminarista Milton Souza Bragança.

CONGREGAÇÃO DE ITAPOÃ

Foi inaugurada em 01.09.93 e, em 08.11.93, foi nomeado Pastor Auxiliar para ali trabalhar durante o ano de 1994, o Rev. Alcimar Ribeiro de Paula.

Em 17.02.94, já Igreja, para ela foram transferidos 59 adultos e 29 crianças.

CONGREGAÇÃO DE JABURUNA

Desde 02.10.98, o Rev. Flávio Eduardo Heringer esteve à frente da Congregação que, em 01.12.2000, transformou-se em Igreja.

CONGREGAÇÃO PRESBITERIANA MEMORIAL

Foi organizada em 09.04.99 por alguns membros egressos da Igreja Presbiteriana de Itapuã e, em 17.09.99, passou a ser assistida pelo Rev. Valdênio Marcos da Costa Gomes.

A partir de 12.02.2001 passou à responsabilidade do Rev. Edson de Oliveira e, no mês seguinte, a Congregação, por iniciativa do presbítero Sebastião Serrano Mota, que passou a residir em Marechal Floriano, iniciou naquela Cidade, um trabalho de "Grupos Familiares".

CONGREGAÇÃO DA PRAIA DA COSTA

Teve início em 03.08.98 e, em 20.10.2001 endereçou correspondência ao Conselho pedindo sua transformação em Igreja, tendo sido organizada em Igreja em 21.04.2002, estando sob a direção do Rev. José Mario Gonçalves.

CONGREGAÇÃO DE COQUEIRAL DE ITAPARICA

Começou com reuniões semanais de "Grupos Familiares" e, em 20.10.2001, solicitou a instalação da Congregação.

CONGREGAÇÃO DE MARECHAL FLORIANO

O presbítero Sebastião Serrano Mota e sua esposa foram residir em Marechal Floriano onde iniciaram um trabalho de "Grupo Familiar" que, em 28.10.2002, foi autorizado a funcionar como Congregação a partir de 2003, sob a orientação do Rev. Edson de Oliveira, da Congregação Memorial, e do seminarista Alexandre Araújo da Silva que, após ter sido consagrado Pastor, ficou à frente da Congregação.

Seu templo foi inaugurado com cultos especiais nos meses de agosto e setembro de 2003.

MÚSICA NA IGREJA

O Coral da Igreja foi organizado pelo Sr. Emiliano Cardoso, que foi seu regente até o ano de 1965.

Em 1966, foi regido pelos seminaristas Antonio Sperb e Cleber Lens César.

Em 1967 passou a ser regido pelo seminarista Paulo Sperb e, a partir de outubro daquele ano, até a presente data, é regido pela Sra. Ilonia Maria da Rocha Gomes Pereira, tendo recebido o nome de "Coral Martim Lutero".

A Igreja teve diversos conjuntos corais, a saber:

O "Conjunto Vozes Joviais" e o "Conjunto Feminino", sob a regência do maestro Emiliano Cardoso.

Na década de setenta, Lenaldo Luiz Pereira coordenou um conjunto musical denominado "Sorria Com Cristo".

Na década de oitenta foram organizados o "Conjunto Ceifeiros" pela UPA e o "Conjunto Gêneses", pela UPA e UMP.

Foram organistas da Igreja as Sras. Sara Vitalino Teixeira Gueiros, Nely Rabelo Gueiros e Jurama Barros Gueiros. Mais tarde, Ilonia Maria da Rocha Gomes Pereira assumiu o posto de pianista.

Atualmente a Igreja conta com a participação dos corais: "Martim Lutero", "Vozes de Ouro", "Coral Jovem" e "Conjunto Cantai".

PASTORES DA IGREJA

Desde a organização da Igreja, por ela passaram os seguintes pastores:

Jedaias Vitalino Teixeira Gueiros, no período 1954 a 1959;

Renato Ribeiro dos Santos, em 1960;

Orlando Sathler, em 1961;

Francisco da Silva Neto, em 1962;

Milton Othon de Albuquerque Leitão, no período de 1962 a 1965;

Sebastião Bitencourt dos Passos, no período de 1966 a 1970;

Guilherme Ataualpa de Montezuma Breder, no período de 1971 a 1974;

Milton Othon de Albuquerque Leitão, em 1976;

Jaques Aníbal Ribeiro Brinco, no período de 1981 a 1984;

Isaías Moreira da Silva, em 1985;

José Vicente de Lima Filho, no período de 1987 a 1991;

Honório Theodoro Neto, no período de 1992 a 1996 e

José Vicente de Lima Filho, desde 1997.

Exerceram atividades na Igreja como Pastores Auxiliares:

Nehemias Leonor, em 1993, na Congregação de Cruz do Campo;

Aleimar Ribeiro de Paula, na Congregação de Itapuã, em 1994;

Flávio Eduardo Heringer, a partir de 1997, na Congregação de Jaburuna;

José Mário Gonçalves, a partir de 1999, lidando com jovens e adolescentes e, depois, atuando na Congregação Praia da Costa.

Eli do Prado Vieira, a partir do ano 2000.

Samuel Gabriel de Souza, na Congregação de Ulisses Guimarães.

Valdênio Marcos da Costa Gomes, em 1999 e 2000, na Congregação Memorial.

Edson de Oliveira, a partir de 2001, na Congregação Memorial.

Deivson Vieira Torres, no início, como seminarista e, hoje, como pastor, na Igreja Sede, trabalhando com jovens e adolescentes.

Walter Pereira de Souza, desde 2002, na Congregação Praia de Itaparica.

ENCERRAMENTO

Muitas novas doutrinas e igrejas surgem a cada dia, misturando-se com os ensinamentos da Palavra de Deus, chegando a confundir e dividir a Igreja.

Precisamos estar alertas para saber se a Palavra de Deus está sendo pregada corretamente; se o ensino está, de fato, firmado nas Escrituras.

Devemos combater as heresias que se instalam na Igreja e que são fruto de mentes incrédulas, com aparência de santidade, desvalorizando a Palavra de Deus, em favor de experiências subjetivas, apoiando-se em alegadas revelações.

Para elas a Bíblia não é tudo, e buscam revelações especiais.

Baseiam-se não nas Escrituras, mas em experiências pessoais.

Em 2Pe 1:20,21, lemos que *"... nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens (santos) falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo"*.

Sendo, como é, a voz de Deus, a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática. Ela não precisa de complementos ou de *"particular elucidação"*, interpretações que gerem divisões e contendas como aconteceu na Igreja de Corinto (I Co.1:10-17) e na Igreja Presbiteriana de Vila Velha, promovida pela família Gueiros e seus seguidores.

A Igreja precisa ter coragem para denunciar

batalhando pela fé, de forma diligente (Judas 3), fé que foi confiada aos crentes, de uma vez por todas.

Fé são as verdades bíblicas ensinadas pelos apóstolos e professadas pelos cristãos, tornando-se nas doutrinas da Igreja.

Judas exorta os verdadeiros crentes a crescerem no conhecimento da verdade cristã, não se deixando levar pelos falsos mestres, que vão penetrando na Igreja e influenciando a mente dos fiéis.

Judas 4, fala de pessoas não convertidas que trazem ensinos estranhos para a Igreja, aproveitando-se da credulidade e da amizade do povo de Deus.

Em Mt.13:24-30, Jesus fala do joio no meio do trigo, interpretando a parábola nos versículos 36-43.

O Dr. C. I. Scofield, analisando esta parábola, diz que ela não é uma descrição do mundo, mas daqueles que dizem constituir o reino:

A boa semente são os filhos do reino, que são semeados por todo o mundo (v. 38) e o trigo de Deus imediatamente se transforma no cenário da atividade de Satanás.

Onde os "filhos do reino" se ajuntam, ali, no meio do trigo (vs 25, 38, 39), Satanás semeia "os filhos do maligno", que professam ser filhos do reino e, na aparência, são iguais aos verdadeiros filhos do reino, de tal modo que apenas os anjos podem, no fim, receber a incumbência de separá-los (vs 40-43).

.Tão grande é o poder de Satanás de enganar, que o joio, freqüentemente, acredita ser realmente os filhos do reino, como se vê em Mt. 7:21-23.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos Efésios, diz que os cristãos

para habitação de Deus, no Espírito (Ef. 2:19-22) e que, por isso, devemos ser humildes, mansos, longânimos, suportando-nos uns aos outros em amor, esforçando-nos por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz (Ef.4:1-3).

Devemos estar unidos em Cristo (Ef. 4:4-6 e ICo.1:10-31) já que somos *"povo de propriedade exclusiva de Deus"*. (IPe.2:9-10).



O AUTOR

Nascido em Acioli, município de João Neiva, ES em outubro de 1941. Professor universitário, administrador e advogado. É membro da Igreja Presbiteriana de Vila Velha desde os sete anos de idade, tendo participado de toda a história narrada neste livro.


passagens
turismo
383